

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA E ESPORTE DE RIBEIRÃO PRETO

LETICIA MISSURA ARIOSI

Treinadores de basquetebol feminino universitário: do processo de formação profissional aos métodos de ensino-aprendizagem adotados nos treinamentos.

Ribeirão Preto

2019

LETICIA MISSURA ARIOSI

Treinadores de basquetebol feminino universitário: do processo de formação profissional aos métodos de ensino-aprendizagem adotados nos treinamentos

Versão Corrigida

Dissertação apresentada à Escola de Educação Física e Esporte de Ribeirão Preto da Universidade de São Paulo, para obtenção do título de mestra em Ciências, Programa de Pós-Graduação Educação Física e Esporte.

Área de concentração: Atividade Física e Esporte.

Orientador: Prof. Dr. Rafael Pombo Menezes

Ribeirão Preto
2019

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Ariosi, Letícia Missura

Treinadores de basquetebol feminino universitário: do processo de formação profissional aos métodos de ensino-aprendizagem adotados no treinamento. Ribeirão Preto, 2019, (82)f.

Dissertação de Mestrado, apresentada à Escola de Educação Física e Esporte de Ribeirão Preto/USP. Área de concentração: Atividade Física e Esporte.

Orientador: Menezes, Rafael Pombo.

1. Formação de treinadores. 2. Pedagogia do Esporte. 3. Basquetebol.

ARIOSI, L. M. Treinadores de basquetebol feminino universitário: do processo de formação profissional aos métodos de ensino-aprendizagem adotados no treinamento. 2019. (82)f. Dissertação (Mestrado em Educação Física e Esporte) - Escola de Educação Física e Esporte de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, 2019.

Aprovada em:

Banca Examinadora

Prof. Dr. _____
Instituição: _____
Julgamento: _____

Prof. Dr. _____
Instituição: _____
Julgamento: _____

Prof. Dr. _____
Instituição: _____
Julgamento: _____

AGRADECIMENTOS

Agradeço inicialmente a minha mãe Maria Helena e ao meu pai Durval, por sempre encorajarem meus sonhos, confiarem nos meus passos e serem meus maiores exemplos de honestidade e sabedoria.

Agradeço aos meus irmãos Marco, Otávio e Rafael por todo suporte prestado nesses anos, por todo carinho e dedicação para comigo. Sem vocês eu nada seria.

Agradeço ao Prof. Michel Milistetd, Prof^a. Myrian Nunomura e Prof^a. Larissa Rafaela Galatti, por fazerem parte da comissão julgadora de minha dissertação e pelas contribuições no desenvolvimento deste trabalho.

Agradeço ao Prof. Rafael Pombo Menezes por estar me orientando desde minhas iniciações científicas até a dissertação de mestrado, tornando-se um amigo e uma pessoa na qual me espelho diariamente. Obrigada pela paciência, dedicação, correções e ensinamentos.

Agradeço ao Fernando Oliveira, pessoa com quem amo partilhar a vida. Obrigada pelo carinho, companheirismo, amizade e sua capacidade de me trazer paz no dia a dia.

Agradeço à minha amiga Gabriela Cadeo, pela paciência, ajuda, conversas e carinho presente em todos os dias dessa caminhada.

Agradeço à minha amiga Nayara Zamberso, por sempre estar ao meu lado, por ser minha companheira de trabalho, de responsabilidades, de risadas, de conversas e de crescimento.

Agradeço ao meu amigo Leonardo Serrano, por esses seis anos de amizade, alegrias e aprendizados compartilhados.

Por fim, agradeço também todos os meus treinadores, especialmente ao Heber de Souza, que despertou em mim essa grande vontade de estudar e viver o basquetebol de maneiras diferentes.

RESUMO

ARIOSI, Letícia Missura. **Treinadores de basquetebol feminino universitário: do processo de formação profissional aos métodos de ensino-aprendizagem adotados no treinamento.** 2019. (91)f. Dissertação (Mestrado em Educação Física e Esporte) - Escola de Educação Física e Esporte de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, 2019.

Compreender o processo de formação dos treinadores é um interesse que vem crescendo na Pedagogia do Esporte em uma linha de estudos conhecida como *coaching* devido ao destaque do esporte na sociedade atual e ao aumento da sua popularidade com o estilo de vida esportivo. O presente estudo tem como objetivo investigar o processo de formação dos treinadores, bem como os métodos de ensino-aprendizagem utilizados nas sessões de treinamento. A amostra foi constituída por 15 treinadores de basquetebol feminino que atuam em âmbito universitário, que participaram do JUESP (Jogos Universitários do Estado de São Paulo), Série Ouro e Série Diamante do ano de 2016, promovido pela FUPE (Federação Universitária Paulista de Esportes). A opção é pela pesquisa qualitativa para acessar o pensamento dos treinadores sobre uma determinada temática (formação como treinador e métodos de ensino) a partir de um instrumento de entrevista semiestruturada. Para tabulação e análise dos discursos foi utilizado o método do Discurso do Sujeito Coletivo (DSC), sendo assim realizadas as análises dos discursos dos treinadores para o mapeamento de tais variáveis. Os resultados mostram que os treinadores procuram nos cursos de pós-graduação um complemento para a sua formação, uma vez que a graduação apresenta um caráter generalista. Além disso, cursos e artigos científicos, jogos assistidos, conversas com treinadores mais experientes, pesquisas na WEB e experiência prévia como atleta também são apontados como meios de aquisição de conhecimento. Em relação as características que os treinadores acham que sejam principais encontram-se: saber administrar a equipe, formar atletas, ter um bom planejamento e ser detalhista. Já as sessões de treinamento são planejadas para o ensino dos conteúdos através de métodos de ensino ativos (jogos e situações de jogos) na categoria investigada. Conclui-se portanto que com a graduação generalista os treinadores acabam buscando conhecimento através de soluções não formais ou informais, uma vez que as Federações também não oferecem respaldo para o processo de formação e que os jogos acabam sendo um facilitador pedagógico no processo de ensino-aprendizagem, uma vez que há uma pluralidade das situações de jogo fazendo com que a formação dos jogadores seja ampla.

Palavras Chave: Formação de treinadores; Pedagogia do Esporte; Basquetebol.

ABSTRACT

ARIOSI, L. M. **College Basketball Coaches: from the professional qualification to teaching-learning methods**. 2019 (91)f. Dissertação (Mestrado em Educação Física e Esporte) - Escola de Educação Física e Esporte de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, 2019.

The training of sports coaches has been the subject of recent studies due to the recognition of the importance of the coach in the training of young athletes, thus requiring a level of qualification that meets the demands of sports practice. This research aims to investigate the process of professional qualification of college basketball teams coaches, and to discuss the teaching-learning methods used in their training sessions. The sample consists in 15 coaches of female basketball, who participated in the JUESP (University Games of São Paulo), Gold Series and Diamond Series in the year of 2016, sponsored by FUPE (University Federation Paulista Sports). We opted in this project for qualitative research, to access the thought of coaches on a given topic, from a semi-structured interview instrument. For tabulation and analysis of the coaches speeches was used the Collective Subject Discourse (CSD) method. Thus, the analysis of the coaches speeches for mapping and analysis of these variables will be performed. The results point to a generalist graduation, being a coexistence with more experienced coaches the most common way among coaches to acquire knowledge. In addition, courses and scientific articles, assisted games, conversations with more experienced coaches, web searches and previous experience as an athlete are also pointed out as means of acquiring knowledge. In relation to the characteristics that the coaches think are main are: to manage the team, to train athletes, to have a good planning and to be thorough. The training sessions are planned for the teaching of content through active teaching methods (games and games situations) in the category investigated. It is concluded, therefore, that with the general graduation, coaches end up seeking knowledge through non-formal or informal solutions, since the Federations also do not offer support for the training process and that the game ends up being a pedagogical facilitator in the teaching- learning, since there is a plurality of game situations making the training of players ample

Keywords: Coaching; Sport pedagogy; Basketball

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	9
CAPÍTULO 1: INTRODUÇÃO E JUSTIFICATIVA	11
Objetivo geral	14
Objetivos específicos.....	14
CAPÍTULO 2: REVISÃO SISTEMÁTICA	15
Introdução	15
Métodos	17
Resultados	19
Discussão	21
Consideraç.....	27
CAPÍTULO 3: MÉTODO	28
Participantes	28
Tipo de pesquisa.....	29
Análise dos depoimentos.....	32
CAPÍTULO 4: RESULTADOS E DISCUSSÃO	34
Processo de ensino-aprendizagem-treinamento.....	44
REFERÊNCIAS	66

APRESENTAÇÃO

Cresci em um ambiente familiar que contemplava muito o esporte e que sempre me incentivou a ter uma vida mais ativa. Minha mãe que já foi jogadora de basquetebol, bem como meu irmão Otávio que seguiu o mesmo caminho e juntamente com meu pai e meu.

Comecei na dança, vôlei, handebol e futebol, mas foi no basquetebol que me encontrei. Tive meu primeiro contato com a modalidade durante as aulas de Educação Física escolar e me apaixonei. Porventura meu professor também era o treinador do principal time da cidade e conversou com meus pais para que eles me levassem ao clube para jogar, porém na época não havia time feminino e eu teria que treinar com os meninos da minha idade.

Com o passar do tempo houve um aumento considerável no interesse das meninas pela prática e conseguimos um horário de treinamento só nosso e no ano de 2004 começamos a participar de festivais na região. Em 2006 entramos na Liga pela região de Ribeirão Preto, ano em que ganhei meu primeiro prêmio na seleção de ouro como ala destaque da competição. Em 2007, 2008 e 2009 consegui novamente a premiação, sendo o último pela região de Iracemápolis e em 2010 recebi o prêmio de Atleta Revelação pela minha cidade. Premiações que tenho muito a agradecer às minhas companheiras de equipe e ao meu treinador Heber de Souza.

Em 2012 alguns problemas políticos tomaram conta do clube em que treinávamos e sem a devida explicação os treinos das equipes de basquete, tanto feminina quanto masculina, foram cancelados. Na época sofri uma grande desilusão com o esporte e decidi então que estudaria para ser treinadora, sendo essa uma forma de me reconectar com a modalidade.

Com o total apoio da minha família, no ano de 2013 ingressei no curso de Educação Física da Escola de Educação Física e Esporte de Ribeirão Preto - EEFERP/USP e no primeiro ano de faculdade comecei a frequentar o grupo de estudos em análise de jogo GEPAJ, passando assim a ter contato com a pesquisa, me fazendo perceber que eu poderia contribuir muito mais com a minha área do que somente estando dentro de quadra.

No segundo ano de graduação consegui bolsa de estudos pela FAPESP tendo o projeto intitulado: “O discurso dos técnicos de basquetebol sobre os conteúdos defensivos na categoria sub-13: entendendo o processo de ensino-aprendizagem-treinamento”, projeto que tive a oportunidade de apresentar em congressos, seminários e conseguindo a publicação do artigo na revista Pensar a Prática, sendo apresentado também como meu TCC.

Em 2015 minha bolsa foi renovada e um novo projeto se iniciava, intitulado: “Formação e caracterização de jogadores inteligentes nas modalidades esportivas femininas de invasão: a visão dos treinadores dos jogos abertos do estado de São Paulo”, projeto que também foi apresentado em congressos e seminários.

Juntamente com o andamento das pesquisas, me tornei treinadora de basquetebol de dois cursos, fisioterapia e farmácia também da USP, podendo fazer o link entre teoria e prática, aplicando tudo aquilo que estudava em sala de aula o que me fez ter uma grande prática reflexiva a respeito do meu trabalho, para que assim questões que eu encontrava no dia a dia como treinadora fossem resolvidas, sendo algumas delas o fato de em uma mesma equipe ter pessoas com diferentes níveis de vivência no basquetebol e com isso planejar uma sessão de treinamento que alcançasse todas as expectativas, tanto as minhas, quanto as de quem estava tendo o primeiro contato com a prática, bem como as de quem já tinha um experiência como atleta.

No último ano de faculdade, 2016, juntamente com meu orientador Prof. Dr. Rafael Pombo Menezes, pensamos na possibilidade do ingresso no mestrado, para assim dar continuidade às pesquisas. Pensei em diversos temas para a construção do projeto, mas uma vez que durante os grupos de estudos estávamos estudando sobre coaching, percebi o quão importante era isso para a minha prática, principalmente no ambiente universitário na qual estou totalmente envolvida.

Assim, em 2017 com o ingresso no mestrado, pude dar iniciativa ao meu projeto de pesquisa, visando não só ajudar e sanar as minhas dúvidas nesse cenário, mas também ser algo a mais a ser pensado para os treinadores que já estão na prática da profissão e aos futuros treinadores.

CAPÍTULO 1: INTRODUÇÃO E JUSTIFICATIVA

Apesar do treinamento esportivo ser algo antigo, a ocupação do cargo de treinador vem sofrendo grandes mudanças ao longo dos anos devido ao destaque do esporte na sociedade atual e ao aumento da sua popularidade com o estilo de vida esportivo (MEINBERG, 2002).

Entre todos os envolvidos no cenário esportivo, o treinador assume papel de destaque, uma vez que possui várias funções, tais como: treinador esportivo, gestor, líder e educador, fazendo com que tenha-se uma reconhecida importância do seu papel na atualidade. Investimentos significativos têm sido realizados em busca da qualidade da preparação desses profissionais e no desenvolvimento de padrões internacionais que possibilitem a atuação em outros países (MILISTETD et al, 2015).

Compreender o processo de formação dos treinadores é um interesse que vem crescendo na Pedagogia do Esporte (NELSON; CUSHION; POTRAC, 2006), em uma linha de estudos conhecida como *coaching* (WERTHNER; TRUDEL, 2006). Por ser um tema de extrema relevância a formação do treinador (*coaching education*) e seu desenvolvimento profissional (*coaching development*) vem crescendo em todo mundo, com maior destaque para os países desenvolvidos (TRUDEL; GILBERT; WERTHNER, 2010).

Segundo Nelson (2010) o fenômeno de compreensão sobre a formação de treinadores é conhecida como “*coaching learning*”, que por sua vez deve ser de fácil acesso e estar em constante avaliação, pois para o autor a aprendizagem profissional é a somatória da complexidade do fenômeno esportivo, sendo esse multifatorial e heterogêneo. Jones e Thomas (2015) apontam que o *coaching* está sendo cada vez mais reconhecido como um processo social não linear, sendo caracterizado pela sua complexidade e ambiguidade, bem como aquilo que está presente na vida pessoal do treinador.

Esse apresenta um papel decisivo ao longo do processo de ensino-aprendizagem da equipe, principalmente diante dos aspectos que envolvem a formação dos jogadores. Ao longo desse processo espera-se que os jogadores consigam intervir de forma contextualizada ao cenário técnico-tático que lhes é apresentado (RAMOS et al., 2011; MENEZES, 2012). Assim, durante os treinamentos e as competições os treinadores avaliam diferentes fatores, tais como os parâmetros relacionados à execução das habilidades específicas e às tomadas de decisão (MATIAS; GRECO, 2010), que permitem planejar de forma específica as sessões de treinamento (GARGANTA, 2009). Para que os resultados positivos sejam alcançados é necessário que o treinador faça um trabalho autocrítico de suas atitudes e condutas,

identificando a influência que tem sobre os seus atletas para atingir o sucesso no trabalho formativo e instrutivo (EGERLAND; NASCIMENTO; BOTH, 2009).

Devido ao reconhecimento de que a qualidade da intervenção do treinador tem implicações importantes para a formação de jovens no esporte e, conseqüentemente, para a obtenção de melhores resultados, alguns países passaram a desenvolver programas de certificação ou educação formal para treinadores. Tais programas são oferecidos por institutos, associações profissionais, conselhos governamentais e federações esportivas (RAMOS; GRAÇA; NASCIMENTO; SILVA, 2011).

Através da Lei Federal 9696/1998 (BRASIL, 1998) para que se possa ser um treinador esportivo no Brasil, esse deve ser registrado no Conselho Regional de Educação Física (CREF), sendo assim um profissional de Educação Física ou atuar em áreas correlatas aceitas pelo Conselho Federal de Educação Física (CONFEF).

No Brasil há duas bases curriculares, que remetem a dois cursos distintos: bacharelado e licenciatura (BRASIL, 1998). Ao Licenciado em Educação Física compete a atuação em âmbito escolar e em atividades docentes que visam o ensino em nível básico, fundamental e médio. Já o Bacharel em Educação Física compete a atuação aos demais contextos, com exceção às aulas regulares de Educação Física em âmbito escolar (MENEZES et al, 2017).

Portanto, é exigido que os profissionais que atuam como treinador esportivo no Brasil possuam alguma dessas condições: a) curso de graduação em Educação Física por uma Instituição de Ensino Superior (IES) autorizada e reconhecida pelo MEC; b) curso de graduação em Educação Física no exterior, revalidado na forma da legislação em vigor; c) comprovar experiência profissional em uma atividade esportiva específica até a data de início da Lei 9.696 de 1º de Setembro de 1998.

Com a resolução N° 01/CNE/2002 e resolução N°07/CNE/2004 novas diretrizes curriculares foram aplicadas, propondo novas orientações para a formação dos profissionais de educação física. Desta forma, as IES possuem uma maior autonomia para definirem as grades curriculares e o corpo de conhecimento a ser aprendidos pelos futuros profissionais dentro do período estipulado.

Importante ressaltar que a graduação em Educação Física e Esporte em âmbito nacional é generalista (BRASIL, 1998). Nesse contexto, os programas de ensino são constantemente criticados, uma vez que não apresentam a realidade prática dos que serão inseridos no mercado profissional, seja ao que diz respeito ao processo de formação de atletas como também na iniciação esportiva (JONES; MORGAN; HARRIS, 2011).

No ano de 1941 por meio do Decreto-Lei nº 3.617 foi criada a Confederação dos Desportos Universitários (CBDU), órgão máximo do esporte universitário, responsável pela gestão e organização das competições e eventos esportivos que ocorrem em todo o país (CBDU, 2014). Desde então a CBDU realiza as maiores competições do esporte universitário nacional e passa a ser também uma representante brasileira junto à Federação Internacional de Esporte Universitário (MINISTÉRIO DO ESPORTE, 2016).

Em 16 de julho de 2011 a Lei 10.264 conhecida como Agnelo-Piva foi sancionada, determinando que 2% da arrecadação bruta das loterias federais - fora as premiações pagas - fossem repassadas ao Comitê Olímpico Brasileiro (85%) e ao Comitê Paraolímpico Brasileiro (15%). O mesmo dispositivo legal estabelece que do total arrecadado pelos dois comitês, 5% vão para o desporto universitário, e 10% para o desporto escolar. Essa questão legal pode ter sido um elemento que viria a alavancar o novo momento do esporte universitário nacional verificado a partir do ano de 2004, com a retomada das Olimpíadas Universitárias, apoio da mídia e patrocínio de grandes empresas (STAREPRAVO, 2010).

Portanto, o treinador acaba sofrendo muita pressão para alcançar as suas metas competitivas, passando ser necessário mais do que a intuição e a inspiração para a obtenção de resultados expressivos (MARQUES, 2000), buscando um ideal pedagógico capaz de realizar nos sujeitos praticantes a sua formação humana, seja na fase de iniciação ou no treinamento (REVERDITO; SCAGLIA; PAES, 2009).

Diante desse cenário, em que é exigido a criação de um conjunto de conhecimentos pedagógicos de base para a atuação dos treinadores, os problemas específicos dessa pesquisa são: a) a partir da análise dos discursos dos treinadores é possível identificar como se dá o processo de formação desses, uma vez que os cursos de Educação Física têm o caráter generalista?; b) a partir da análise dos discursos dos treinadores é possível identificar um panorama referente aos métodos de ensino-aprendizagem, diretamente relacionados aos preceitos da Pedagogia do Esporte?

OBJETIVOS

Objetivo geral

- Identificar como se dá o processo de formação dos treinadores que atuam no contexto universitário, bem como os métodos de ensino-aprendizagem utilizados por esses nas sessões de treinamento.

Objetivos específicos

- Realizar uma revisão sistemática com a temática referente ao processo formativo dos treinadores de basquetebol;
- Investigar o processo de formação dos treinadores de basquetebol universitário;
- Identificar e discutir os métodos de ensino e os conteúdos adotados por esses treinadores.

CAPÍTULO 2: REVISÃO SISTEMÁTICA

INTRODUÇÃO

Os Jogos Esportivos Coletivos (JECs) é conteúdo destaque em ambientes de ensino e aprendizagem de esporte no Brasil (PAES, 2001), sendo cada vez mais frequente estudos acadêmicos referentes aos JECs, em especial com a ascensão da pedagogia do esporte (LOVATTO; GALATTI, 2007). O basquetebol, sendo uma modalidade coletiva de invasão, na qual há a constante disputa pela posse da bola em um espaço comum de jogo, apresenta um contexto imprevisível, mantido à custa das interações entre os jogadores que alteram constantemente suas relações ao longo do jogo (MENEZES; MARQUES; NUNOMURA, 2014).

Partindo-se do pressuposto de que o basquetebol possui um interessante cenário e apresenta importantes competições organizadas em níveis Estadual e Nacional, o número de praticantes, em especial crianças e adolescentes, tem se apresentado de forma crescente, sendo que a investigação da trajetória de vida de professores e treinadores tem se tornado um importante objeto de pesquisa para identificar a contribuição da experiência pessoal e prática no processo de formação profissional (BARROS et al., 2013). Pesquisas envolvendo o coaching esportivo começaram em 1920 investigando os princípios psicológicos de atletas de competição (BENNIE, 2017), e em 1970 e 1980 outras temáticas começaram a emergir, como as pesquisas quantitativas abordando variáveis como liderança e comportamento dos treinadores. Gilbert e Trudel (2004) analisaram o panorama das publicações sobre o coaching no período de 1970 a 2001 e mostraram que a maioria das pesquisas tem como foco o comportamento do treinador, utilizando-se de métodos quantitativos para obtenção dos dados, com ênfase primária dos esportes de contexto escolar.

No contexto brasileiro, os estudos envolvendo treinadores esportivos vêm sendo desenvolvidos por pesquisadores do campo da Pedagogia do Esporte, externando a preocupação com o ensino dos esportes (MARQUES; NUNOMURA; MENEZES, 2016).

No âmbito esportivo, estudos buscam compreender o processo de formação de treinadores de diferentes modalidades, investigando diretrizes que contribuam para o desenvolvimento de outros treinadores, considerando assim a importância de estudos a respeito do conhecimento do treinador esportivo para, assim, ampliar e qualificar o processo de intervenção pedagógica de outros treinadores (BARROS et al., 2013; MODOLO, 2017; MUSA et al., 2017).

O ambiente universitário é visto como um espaço de fundamental importância para a formação, pois há um corpo de conhecimento, recursos e possibilidades para alavancar a aprendizagem desses profissionais (MILISTETD et al., 2015). Considerando como um contexto formal de aprendizagem e caracterizado pela hierarquização dos conteúdos (NELSON et al., 2006), o curso de bacharelado em Educação Física oferece uma formação ampla com bases humanas, biológicas e sociais (resolução CNE/CES 7 2004), além de conhecimentos específicos da área, sendo necessário aulas teóricas e práticas, práticas pedagógicas, estágios, entre outras experiências de aprendizagem dos conhecimentos e desenvolvimento de competências dos futuros profissionais (MILISTETD et al., 2015).

Embora haja informações relevantes de como os treinadores aprendem, as evidências do seu desenvolvimento profissional em ambiente universitário são pouco conhecidas, principalmente na sua formação inicial, uma vez que esse é visto como um espaço que contém um elevado corpo de conhecimento, recursos e possibilidades para impulsionar a aprendizagem destes profissionais (MILISTETD et al., 2015).

A perspectiva de aproximar o estudante de Educação Física com a realidade prática é um marco evolutivo nos cursos de Educação Física, pois há o entendimento de que a aprendizagem profissional deve ser sustentada por conhecimentos deontológicos, relacionais e humanistas, fazendo com que os profissionais atuem de maneira ética, crítica e reflexiva, rompendo com o caráter tecnocrático que caracterizou o curso de graduação ao longo dos anos (SOUZA NETO, 2004).

Nesse sentido a revisão sistemática têm o intuito de identificar, avaliar, selecionar, sintetizar e analisar os dados dos estudos inerentes à temática em questão (GALVÃO; PEREIRA, 2014). Diferente de uma revisão de literatura tradicional que adota uma narrativa de linguagem informal e métodos de busca subjetivos, a revisão sistemática busca apresentar um processo formal e controlado, com critérios claros de inclusão e exclusão de estudos, para explicar o caminho metodológico realizado (ZOLTOWSKY et al., 2014) e, portanto, a sua reprodutibilidade em outros contextos.

Algumas limitações podem surgir durante a elaboração de uma revisão sistemática, como viés de linguagem, limitações metodológicas nos estudos primários, dificuldade em combinar estudos que podem ter diferenças nas populações, comparações e intervenções (BRASIL, 2012). Assim, a elaboração de uma revisão sistemática sobre uma temática implica em um trabalho reflexivo, não se resumindo a uma apresentação apenas cronológica ou descritiva dos estudos, uma vez que sua validade é assegurada pela qualidade metodológica (ZOLTOWSKY et al., 2014).

A partir do contexto apresentado, o objetivo foi elaborar uma revisão sistemática sobre os estudos que investigam treinadores de basquetebol enfatizando seus aspectos formativos.

MÉTODOS

Esta revisão sistemática seguiu as diretrizes do PRISMA (GALVÃO et al., 2015) estabelecendo critérios de elegibilidade para inclusão e exclusão de estudos, metodologia explícita e reprodutível, busca sistemática, avaliação minuciosa dos resultados e apresentação dos resultados encontrados.

Foram reunidas todas as evidências empíricas que se enquadraram nos critérios de elegibilidade pré-estabelecidos para responder a uma pergunta de pesquisa científica, usando métodos explícitos e sistemáticos, fazendo com que os resultados encontrados sejam mais confiáveis para assim conclusões serem feitas (HIGGINS; GREEN, 2008). São características de uma revisão sistemática: a) um conjunto claramente definido de objetivos, com critérios de elegibilidade pré-definidos; b) reprodução metodológica explícita; c) uma procura sistemática que tenta identificar todos os estudos que atendam ao critério de elegibilidade; d) avaliação da validade dos estudos incluídos; e) uma apresentação síntese das descobertas dos estudos incluídos (HIGGINS; GREEN, 2008).

As seguintes bases de dados foram consultadas nesta revisão: Scielo, Web of Science, EBSCOHost, Lilacs, Redalyc, Scopus e Medline. Os termos de busca e operadores booleanos estabelecidos foram “treinador” AND “basquetebol” para a língua portuguesa, “coach” AND “basketball” para a língua inglesa e “entrenador” AND “baloncesto” para a língua espanhola. Procedeu-se, portanto, à busca desses termos no campo “título” dos artigos.

A justificativa para a busca em na língua portuguesa foi possibilitar a identificação de um panorama referente ao contexto brasileiro na temática investigada. A busca em linguagem inglesa justifica-se por esse ser o principal idioma das comunicações científicas (VOLPATO, 2011), enquanto a busca no idioma espanhol se justifica pelo fato de a Espanha ser um país com grande representatividade devido aos resultados competitivos internacionais (três medalhas de prata e uma de bronze nos Jogos Olímpicos, uma medalha de ouro no Campeonato Mundial e três medalhas de ouro, seis medalhas de prata e quatro medalhas de bronze no EuroBasket).

Foram estabelecidos os seguintes critérios para inclusão dos artigos na amostra: a) artigos originais publicados entre janeiro/2007 e dezembro/2017; b) textos completos disponíveis online em um dos idiomas selecionados; c) artigos cuja temática voltava-se à

formação de treinadores de basquetebol e/ou relacionados ao uso dos métodos de ensino pelos treinadores. Na figura 1 estão representadas todas as etapas de seleção dos artigos:

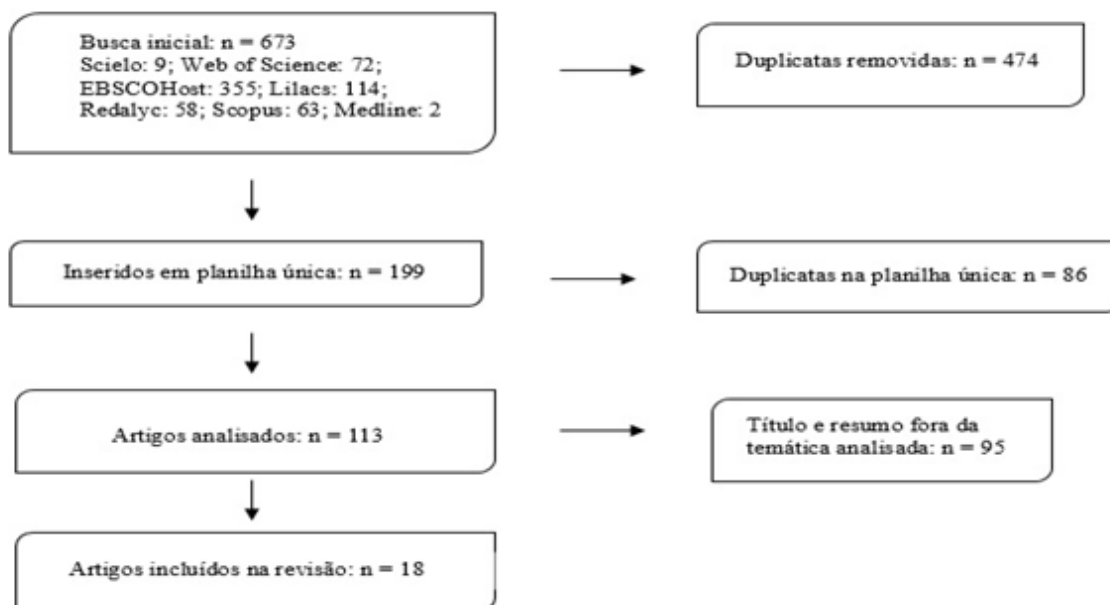


Figura 1: artigos selecionados em cada etapa

Após encontrar 673 artigos científicos na busca inicial, foi realizada a primeira seleção dentro de cada base de dados, na qual foram adotados os seguintes critérios de exclusão: a) artigos sem o texto integral disponível; b) artigos duplicados na mesma base de dados (devido à busca realizada em três idiomas); c) artigos redigidos em outros idiomas; d) textos publicados em livros, conferências, anais de eventos, artigos de revisão e ensaios. Nesta etapa foram excluídos 474 artigos.

Os 199 artigos selecionados nesta etapa foram transportados para uma nova planilha, onde foram ordenados pelo ano de publicação, o que possibilitou verificar eventuais duplicatas, causadas pela indexação de algumas revistas em duas ou mais bases. Esta etapa de verificação acarretou na exclusão de 86 artigos.

Na última etapa de seleção procedeu-se a leitura dos 113 resumos dos artigos selecionados, permitindo confirmar se o assunto abordado no artigo correspondia a temática selecionada: processo de formação. Foi observado nessa etapa que 95 artigos abordavam as capacidades físicas, antropométricas, variáveis fisiológicas e biomecânicas, assuntos não relacionados ao interesse desta revisão. Assim sendo, 18 artigos foram incluídos nessa revisão sistemática.

A análise dos dados bibliométricos (PRIETO et al., 2015) considerou o número de artigos publicados por ano, o número de autores por artigo, a média de autores por artigo e por ano, os países de origem dos estudos, os idiomas de publicação sobre o processo de formação do treinador, na qual encontram-se artigos relacionados ao processo de formação profissional e aquisição de conhecimento dos treinadores de basquetebol.

Posteriormente foi realizada a análise do panorama de artigos publicados, na qual foram explorados aspectos como o tipo de pesquisa (quantitativa, qualitativa ou mista), os sujeitos investigados, os métodos utilizados pelos pesquisadores e as variáveis analisadas por esses.

RESULTADOS

Na Figura 2 está apresentado o número de artigos publicados sobre a temática no período selecionado (janeiro/2007 a dezembro/2017):

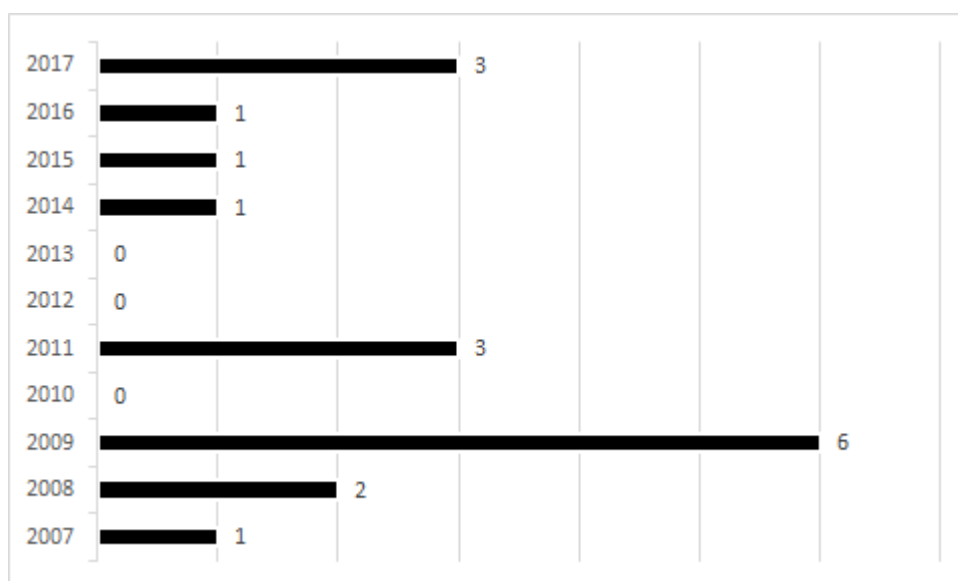


Figura 2: Artigos publicados por ano

Os achados mostram que 2009 foi o ano com maior volume de artigos publicados envolvendo a temática formação de treinador, seguido de 2011 e de 2017 (3 artigos publicados em cada ano). Os anos de 2010, 2012 e 2013 se mostraram anos sem nenhuma publicação de artigos referentes ao tema abordado.

Na Figura 3 está representada a análise do percentual de autores por artigo:

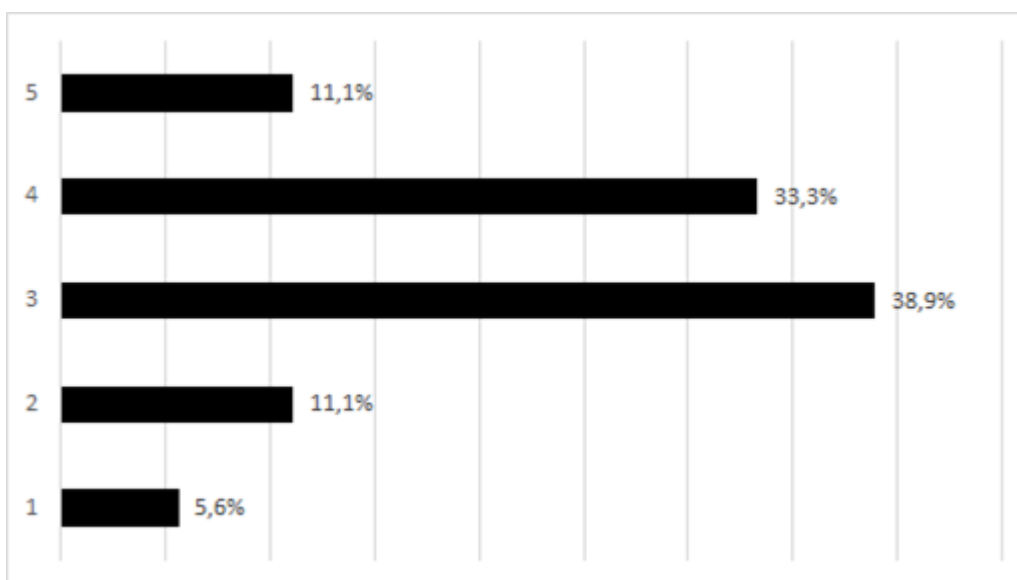


Figura 3: Percentual de autores por artigo

Sobre o número de autores por artigo, observa-se uma maior frequência em publicações por grupos de 3 ou 4 autores (72,2%), ao passo que o menor índice se refere a apenas um autor (5,6%).

Na figura 4 a média de autores por artigo e por ano:

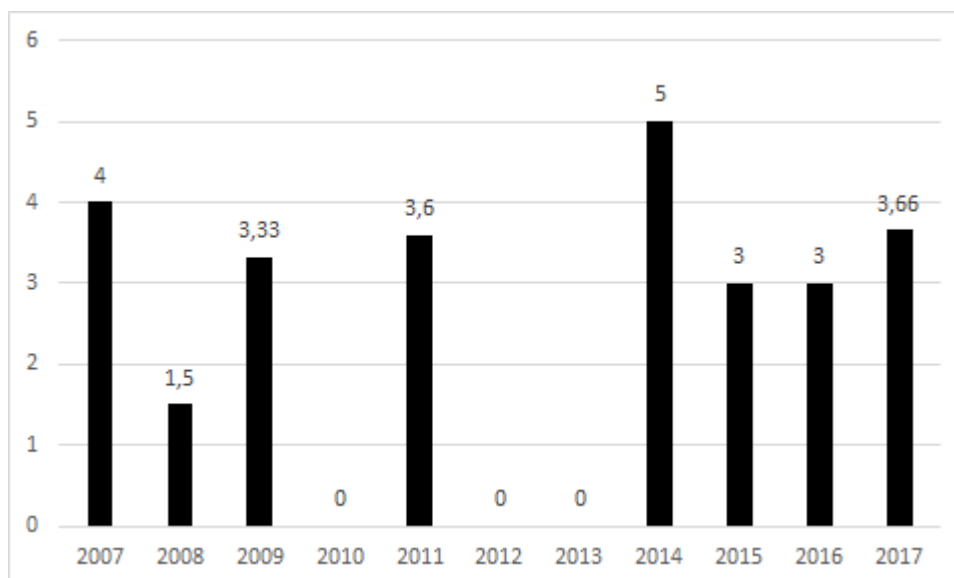


Figura 4: média de autores por artigos

Na Figura 5 estão apresentados os países das universidades dos primeiros autores de cada artigo selecionado. Já na figura 6 está representado o número de artigos por idioma:

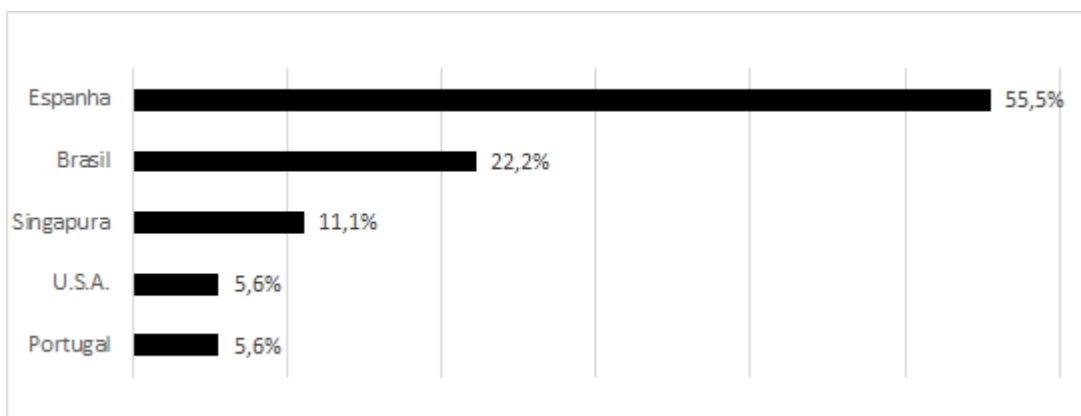


Figura 5: Países das universidades dos primeiros autores

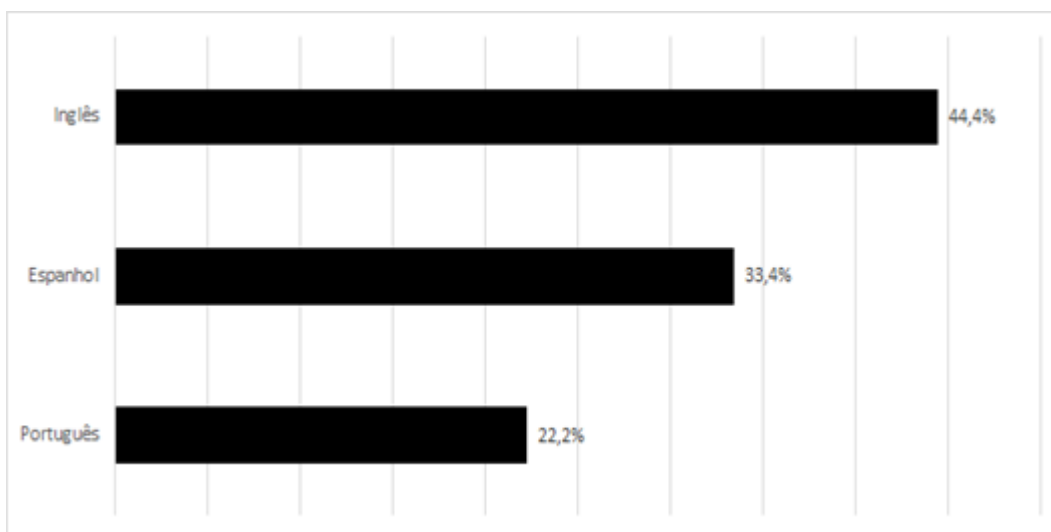


Figura 6: Percentual de publicações por idioma

Os resultados apontam a Espanha como sendo o país com o maior percentual de artigos sobre as temáticas envolvidas (55,5%), seguido pelo Brasil (22,2%). Em relação aos idiomas de publicação, o inglês aparece com a maior frequência de publicações (44,4%), seguido por publicações em espanhol (33,4%) e em português (22,2%).

DISCUSSÃO

O objetivo desta revisão sistemática foi identificar um panorama dos artigos sobre os treinadores de basquetebol para assim tentar identificar os aspectos referentes à formação desses. Os achados mostram que, após a seleção final dos 18 artigos originais, o interesse pela temática pesquisada nas bases consultadas ainda é recente.

Considerando o recorte temporal dos artigos selecionados, 2007 apresenta apenas um artigo publicado que envolve a temática selecionada (SAIZ et al., 2007), e a partir de 2008 nota-se um aumento de publicações, porém tal aumento foi irregular, alternando com períodos

de diminuição de produção. O ano que mais teve produção científica da temática escolhida é o ano de 2009 representando ano posterior a Olimpíadas.

Comparando esses achados com os de Modolo, Beltramini e Menezes (2018) que realizaram uma revisão sistemática acerca do processo de ensino e da análise do goleiro do handebol nota-se que também houve picos de alternância em diminuição e aumento de produção científica.

Sobre o número de autores por artigos, observar-se um alto percentual em artigos com 3, 4 e 5 autores representando 83,3% dos artigos analisados, corroborando com os achados de Modolo, Beltramini e Menezes (2018).

Em relação aos países das universidades do primeiro autor os resultados apontam a Espanha (55,5%) como principal país de publicação demonstrando a tradição do basquetebol no país. Ao todo foram identificados 5 países, sendo dois europeus, um asiático, um da América do Norte e um da América do Sul. Os resultados encontrados em relação aos idiomas das publicações apontam que apesar da Espanha ser o principal país de publicação dessa revisão a língua inglesa foi predominante, seguida pela espanhola. Esses achados vão de encontro com as afirmações de (VOLPATO, 2011) sobre a posição do inglês como idioma principal referentes às publicações científicas e reforça também a lacuna no cenário brasileiro bem como o acesso às informações pelos treinadores, corroborando os resultados de Modolo, Beltramini e Menezes (no prelo) que também encontram a Espanha como principal país com maior percentual de estudos sobre as temáticas investigadas e o inglês aparece também sendo o predominante nas publicações.

Formação de treinadores

Considerando a temática referente ao processo de formação, os artigos que foram selecionados para essa revisão estão apresentados no Quadro 1, no qual são observados os autores, o tipo de pesquisa, o método utilizado, a variável analisada e a amostra observada.

Quadro 1: Artigos referentes ao processo de formação

AUTORES	TIPO	MÉTODO	VARIÁVEL	CATEGORIA/AMOSTRA
Pierce et al., (2017)	Quantitativa	Análise de vídeo	Desempenho de treinadores recém contratados	185 mudanças de treinadores (universitário feminino)
Koh et al., (2017)	Mista	Entrevista	Programa de mentoring e desenvolvimento de treinadores	4 treinadores

Rodrigues et al., (2017)	Qualitativa	Entrevista	Fontes de conhecimentos e desenvolvimento profissional	6 treinadores (sub 12 ao sub 19, masculino e feminino)
Rodrigues et al., (2016)	Qualitativa	Entrevista	Socialização profissional de treinadores	13 treinadores (base feminino e masculino)
Alcaraz et al., (2015)	Qualitativa	Entrevista	Experiências negativas de treinadores em desenvolvimento	177 treinadores (base)
Koh et al., (2014)	Quantitativa	Entrevista	Programa de orientação para treinadores e fatores que afetam sua eficácia	12 mentores e 36 aprendizes
Leite, N. et al., (2011)	Quantitativa	Questionário	Importância dada por novatos, intermediários e experientes treinadores para conteúdos de treinamento	212 treinadores (diversas categorias)
Oliva et al., (2011)	Qualitativa	Análise de conteúdo	Documentação utilizada para formação de treinadores para ensino de tática e técnica	Documentos de formação inicial de treinadores
Ramos et al., (2011)	Qualitativa	Entrevista	Competência na formação de jogadores	4 treinadores
Saiz e Calvo, (2009)	Qualitativa	Entrevista	Processo de mentoring e desenvolvimento	16 treinadores
Jiménez, Lorenzo, et al., (2009)	Qualitativa	Entrevista	Processo de formação	16 treinadores
Rodrigues et al., (2009)	Quantitativa	Questionário	Competência profissional e diferentes áreas de conhecimento	178 treinadores
Tsamourtzis et al., (2009)	Qualitativa	Questionário	Comparação do ensino à distância com o ensino clássico	60 treinadores
Sáiz et al., (2009)	Qualitativa	Entrevista	Processo formativo e diferentes estágios de desenvolvimento	8 treinadores (adulto masculino)
Feu et al., (2009)	Quantitativa	Questionário	Meios educacionais que os treinadores de crianças em idade escolar utilizam ao adquirir conhecimento profissional.	118 treinadores (base)
Saiz e Calvo, (2008)	Qualitativa	Entrevista	Meios de treinamento usados e a relevância de cada um deles no desenvolvimento conhecimentos.	16 treinadores
Josgrilberg, (2008)	Qualitativa	Investigação de campo	Formação profissional e prática pedagógica	52 treinadores (base masculino)

Saiz et al., (2007)	Qualitativa	Entrevista	Características de treinadores experientes e fatores que influenciaram no desenvolvimento da sua experiência	8 treinadores
------------------------	-------------	------------	--	---------------

Os resultados apontaram que 66,6% dos artigos encontrados sobre o processo de formação de treinadores possuem uma abordagem qualitativa, 27,7% uma abordagem quantitativa e apenas 5,6% uma abordagem mista. Em relação aos métodos adotados nas pesquisas, a entrevista (estruturada e semiestruturada) aparece com uma frequência de 61,1%, tornando-se um método muito relevante, pois, o entrevistado passa a ser fonte direta das informações e o objetivo do pesquisador é compreender as perspectivas e experiências desses (MARCONI; LAKATOS, 2011). Outro instrumento para coleta de dados que também chama atenção, mas aparece com uma frequência menor, são os questionários, sendo utilizados em 22,2% das pesquisas analisadas.

Segundo Ramos et al., (2011) pesquisas com teor qualitativo compreendem uma denominação mais abrangente diante da diversidade de procedimentos contemplados na literatura, pois apresenta uma característica descritiva recolhendo informações de forma direta com ênfase na análise indutiva de dados.

Sobre as amostras dos estudos, 94,4% analisaram treinadores, tendo como principais aspectos os programas de mentoring e o desenvolvimento desse para a formação, fontes de conhecimento, processo formativo e suas competências e características. A maioria dos treinadores tem experiência nacional e/ou internacional nas mais variadas categorias, desde base até alto rendimento, tanto masculino quanto feminino, apesar de estudos com categorias masculinas serem predominantes e o esporte universitário também não aparecer com tanta frequência. Apenas um artigo analisou documentos esportivos (OLIVA et al., 2011) como amostra para as pesquisas.

Em relação às variáveis investigadas, as fontes de conhecimentos e desenvolvimento estiveram presentes em 77,7% dos artigos. RODRIGUES et al., (2017) investigaram as fontes de conhecimento para a formação e desenvolvimento profissional de treinadores de jovens atletas de basquetebol. Os resultados apontam que a formação ocorre por meio de fontes diversificadas com destaque para internet, diálogo com treinadores experientes, experiências como atleta e no cotidiano do trabalho, o curso de Educação Física e os cursos de curta duração. Rodrigues et al., (2016) entrevistaram 13 treinadores de basquetebol de jovens atletas buscando identificar os saberes apreendidos ao longo do tempo e o processo formativo desses. Os

resultados apontaram que há uma apropriação de um conjunto de saberes como experienciais, acadêmicos e profissionais fruto de socializações, educação artesanal, formação acadêmica e prática reflexiva.

Ramos et al., (2011) mostram que os treinadores valorizam diversas formas informais e não-formais de aprendizagem, tendo como grande relevância a observação de outros treinadores e a experiência de prática cotidiana. Concluindo que a aprendizagem decorre de um processo de auto-aprendizagem e de socialização do conhecimento.

Tsamourtzis et al., (2009) compararam o ensino a distância com o ensino convencional e encontraram nos seus resultados que para os treinadores quanto mais relaxante, rápida e fácil a aprendizagem à distância mais positivo é quando comparada a aprendizagem convencional. Feu et al., (2009) analisaram como os treinadores de basquete juvenil em idade escolar adquirem conhecimento. Os resultados apontaram para a educação formal, experiências como jogador e experiências adquiridas como treinadores ao longo do tempo. Saiz e Calvo, (2008) investigaram os meios de formação dos treinadores, além de apontar a relevância de cada um deles no desenvolvimento dos seus conhecimentos. Os treinadores investigados valorizam muito as experiências diárias como coach, mentoring e palestras com outros treinadores.

Josgrilberg (2008) analisou 52 treinadores adultos e graduados, que disputavam campeonatos estaduais masculinos das categorias de base do Rio de Janeiro. A internet e a presença em jogos foram as fontes de conhecimento mais recorrentes e que apesar de serem graduados há uma debilidade acerca dos conhecimentos didático-pedagógicas.

As capacidades e características dos treinadores também estiveram presentes nas variáveis, tendo um percentual de 5,55%. Pierce et al., (2017) tiveram como objetivo avaliar o desempenho de treinadores recém-contratados em relação aos seus predecessores. Os fatores incluíram dados demográficos, capacidade de coaching, experiência de coaching, desempenho passado da equipe e fatores de contratação. Análise de modelos mistos foi realizada para identificar quais categorias têm relação com mudanças no número de vitórias após uma mudança de coaching. Os resultados sugerem que o desempenho anterior da equipe foi mais forte indicador de desempenho após uma mudança de coaching.

Alcaraz et al., (2015) analisaram as experiências negativas dos treinadores em desenvolvimento. Os resultados apontam que pressão do clube, conflito entre vida profissional e a vida cotidiana dos jogadores levam os treinadores a sofrerem maiores experiências negativas como frustração e desmotivação. Leite, N. et al., (2011) concluíram que enquanto treinadores experientes tendem o foco no desenvolvimento tático, treinadores novatos e intermediários parecem privilegiar o aprimoramento de habilidades técnicas. Oliva et al.,

(2011) analisaram os documentos utilizados no treinamento de treinadores para ensinar técnicas e táticas e concluíram que esses documentos não desenvolveram contribuições para o Ensino Compreensivo do Esporte.

Rodrigues et al., (2009) analisaram a importância atribuída às diferentes áreas do conhecimento para o coaching e a percepção de competência profissional dos treinadores. As categorias relacionam a prática, competição, gestão, coach coaching, pessoal e social. Os resultados apontam que os treinadores mais experientes atribuem maior importância e percebem-se mais competentes nos itens relacionados a conhecimento e competências profissionais do que treinadores novatos. Saiz et al., (2007) investigaram as características dos treinadores especializados em basquete bem como os fatores que influenciaram o desenvolvimento da sua experiência. As características mais relevantes são compromisso com a profissão, desejo de melhora e a capacidade de liderar grupos.

E por fim, os artigos que investigaram os programas de mentoring resultam em um total de 16,7%. Koh et al., (2017) examinaram as experiências de desenvolvimento dos mentores que estavam envolvidos em um programa de tutoria estruturado, inserido em um programa de treinamento de técnico de basquete nível um. Os resultados foram parcialmente consistentes com a literatura sobre treinadores especializados onde mentor treinadores (1) eram atletas competitivos, (2) ocupavam posições de liderança como atletas, e (3) acumulavam pelo menos 10 anos de experiência em coaching e foram coaches de sucesso no nível de desenvolvimento. Resultados mostram que (1) os treinadores do passado influenciaram muito o desenvolvimento do conhecimento de mentores, especialmente no estágio inicial de sua carreira de coaching, (2) a exposição a diferentes níveis de orientação parece ser útil na preparação, e (3) a aprendizagem auto-dirigida ajudou a orientar os treinadores a melhorar o seu conhecimento.

Koh et al., (2014) investigaram um programa de mentoring e a sua eficácia. Os resultados apontaram que os aprendizes se tornaram mais competentes e confiantes em seu estilo de coaching, comportamento e conhecimento. Outro resultado positivo tanto para os mentores quanto para os aprendizes foi uma maior experiência de aprendizagem, uma vez que os mentores demonstraram conhecimento e habilidades e se engajaram em práticas significativas de auto-reflexão.

Sáiz et al., (2009) entrevistaram oito treinadores para identificar os diferentes estágios de conhecimento. Encontraram como resultados que há uma progressão gradual do pensamento e prática reflexiva. Jiménez, Lorenzo, et al., (2009) investigaram se houve um processo de mentoring em treinadores de elite no basquetebol e como o processo foi desenvolvido. Os resultados mostram que a orientação é um meio fundamental para o desenvolvimento dos

treinadores, mas que muitas vezes ocorre de maneira informal e não estruturada. Saiz e Calvo, (2009) afirmam que é importante nos estágios iniciais do treinador deve haver um mentor para familiarizar o treinador novato com a formação e cultura do clube. Além disso, clubes, instituições, federações devem financiar e programar esses processos de tutela para otimizar a formação de futuros treinadores.

Após analisar os 18 textos inseridos nesta revisão sistemática, foi possível verificar que há um crescente interesse em estudos envolvendo as temáticas, permitindo assim ser um amplo campo ainda a ser explorado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sobre o processo de formação de treinadores, a maioria das pesquisas é de cunho qualitativo, demonstrando que as pesquisas quantitativas podem preencher questões ainda não abordadas, bem como as pesquisas qualitativas podem ser utilizadas quando se trata de métodos pedagógicos, uma vez que a opinião dos treinadores acaba sendo um ponto importante, já que eles vão atuar na prática com os atletas, sendo personagens importantes para a formação esportiva.

Algumas lacunas foram encontradas referentes às amostras dos trabalhos selecionados. Houve apenas um estudo com treinadores universitários, sendo esses um público importante pois muitas vezes é o primeiro contato dos aprendizes com o esporte e até mesmo primeira oportunidade de trabalho do treinador, dessa forma muitos treinadores podem acabar apenas reproduzindo o que vivenciaram como atletas não se aprofundando em questões técnico-táticas. A segunda lacuna foi com o público feminino, mostrando que apenas um artigo se destinou a investigar o processo formativo de times femininos.

Espera-se que o material apresentado nesta revisão sistemática possa ajudar treinadores a solucionar problemas encontrados no dia a dia da profissão e instigar pesquisadores no desenvolvimento de pesquisas futuras, suscitando questões relacionadas ao processo formativo de treinadores, uma vez que o conhecimento dos aspectos inerentes a esses treinadores pode fornecer indicativos para uma melhor compreensão de ensino-aprendizagem do basquetebol a longo prazo.

CAPÍTULO 3: MÉTODO

Participantes

Este estudo faz parte de um projeto maior submetido e aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Escola de Educação Física e Esporte de Ribeirão Preto (EEFERP), da Universidade de São Paulo (USP) (CAAE: 39796814.8.0000.5659, apresentado no Anexo A).

Participaram desta pesquisa 15 treinadores de basquete feminino (de um universo possível de 23) que disputaram o JUESP (Jogos Universitários do Estado de São Paulo), Séries Ouro e Diamante do ano de 2016, promovido pela FUPE (Federação Universitária Paulista de Esportes).

Seis treinadores participantes são da região da Grande São Paulo, quatro de Ribeirão Preto, três de Campinas e dois de Santos. Apresentam uma média de idade de 31,8 anos e média de tempo de atuação de 6,6 anos. Apenas dois dos treinadores não são graduados em Educação Física e, em relação à pós-graduação, sete não cursaram, assim como apresentada na tabela 1. Em relação às universidades que participaram da competição, oito instituições são privadas e sete são públicas (municipais, estaduais ou federais).

Tabela 1: caracterização dos sujeitos

Sujeito	Idade	Graduação	Pós-graduação	Tempo de atuação	Atuação em âmbito escolar	Equipe
S1	30	S	S	4	N	F
S2	25	S	S	3	S	F/M
S3	53	S	S	24	N	F/M
S4	24	S	N	5	N	F/M
S5	23	S	N	5	S	F
S6	31	S	S	9	S	F/M
S7	25	N	N	3	N	F
S8	38	N	N	3	N	F/M
S9	25	S	N	2	N	F

S10	31	S	S	4	N	F/M
S11	38	S	S	10	S	F/M
S12	28	S	S	2	N	F/M
S13	44	S	N	16	N	F/M
S14	28	S	N	8	S	F/M
S15	34	S	N	2	N	F/M
Média	31,8			6,66		

Tipo de pesquisa

Diante da complexidade do esporte, das suas relações entre os protagonistas e das necessidades de como ocorrem as escolhas dos treinadores é necessário que para essa pesquisa seja utilizado um método em que se possa observar o fenômeno de uma maneira ampla e as relevâncias das diversas formas de o interpretar.

Portanto, essa pesquisa possui teor qualitativo, pois parte de elementos da experiência dos treinadores como meio para produzir a informação, preocupando-se com a análise e interpretação profunda de seus comportamentos, hábitos e atitudes sendo essa rica em elementos descritivos que retratam a realidade de uma forma contextualizada e completa (MARCONI; LAKATOS, 2011).

As pesquisas qualitativas não buscam fornecer indícios numéricos, mas sim uma atribuição de valor à qualidade dos dados obtidos e às conclusões de sua análise (THOMAS; NELSON; SILVERMAN, 2012), sendo utilizada para se compreender um fenômeno social como o esporte e suas interações por exemplo (THOMAS; NELSON; SILVERMAN, 2012).

Instrumento e procedimentos para produção de dados

Os procedimentos para a realização das entrevistas foram pautados nas etapas descritas a seguir (SANTANA, 2008; MENEZES, 2011): 1) realização do primeiro contato com o treinador via telefone ou e-mail, para apresentação do projeto de pesquisa, de modo a ressaltar as contribuições do participante; 2) com o aceite do treinador em participar da pesquisa, foi agendado um local e horário específico, que não atrapalhasse outras atividades profissionais do sujeito; 3) realização da entrevista, em local e hora combinados, gravada sem cortes; e por fim 4) transcrição da entrevista, iniciada no mesmo dia da sua realização. Devido a divergências

de horários entre o entrevistador e os entrevistados, algumas entrevistas ocorreram através de aplicativos de comunicação.

Para acessar os discursos dos treinadores foi realizada a entrevista semiestruturada, que se dá quando o entrevistador tem a liberdade para desenvolver cada questão em qualquer direção que considere adequada, explorando mais amplamente a temática abordada (MARCONI; LAKATOS, 2011). Optou-se por esse tipo de entrevista pelo fato do entrevistado ser a fonte direta de informações, tendo como principal objetivo compreender as suas perspectivas e experiências (MARCONI; LAKATOS, 2011).

As vantagens de se utilizar da entrevista semiestruturada: a) possibilidade do entrevistado discorrer sobre o assunto; b) possível “informalidade” entre entrevistador e entrevistado, possibilitando um melhor acesso aos dados subjetivos; c) direcionamento das respostas e de eventuais alterações nas perguntas para o acesso das informações mais relevantes sobre o tema; d) delimitação do volume das informações; e) facilidade para obter respostas das pessoas que têm dificuldades para responder por escrito ou mesmo que não sejam alfabetizadas (BONI; QUARESMA, 2005).

Sendo assim há a possibilidade de abertura de parar outros assuntos para que sejam inseridos pelo entrevistado ou entrevistador, conforme o andamento das respostas do indivíduo (CAVICHIOLO et al, 2011).

A entrevista foi iniciada a partir de questionamentos pré-estabelecidos sobre a formação dos treinadores e os processos pedagógicos adotados por estes durante os treinamentos de suas equipes. O instrumento de entrevista semiestruturada (Quadro 2) foi composto por vinte e seis perguntas divididas em quatro blocos: a) informações pessoais; b) formação acadêmica e profissional; c) jogo ofensivo; d) jogo defensivo.

Quadro 1: Instrumento de entrevista semiestruturada

DADOS PESSOAIS

1. Qual sua idade?
2. Possui curso de graduação? Em qual área? Em que ano? Onde?
3. Possui curso de Pós-Graduação? Em qual área? Em que ano? Onde?
4. Há quanto tempo atua como treinador? Quanto tempo em cada categoria?
5. Atua ou atuou como treinador em equipes no ambiente escolar? Em quais categorias? Por quanto tempo?
6. Você desempenha outra função profissional? De que maneira essa função influencia na sua carreira como treinador?

FORMAÇÃO ACADÊMICA E PROFISSIONAL

1. Você acha que a sua formação acadêmica (graduação/pós-graduação) foi suficiente para dominar os conteúdos específicos que utiliza como treinador? Por quê?
2. Como você adquire conhecimento e se prepara para sua profissão de treinador de basquetebol atualmente?
3. Como você vê a relação entre a formação de treinadores e a FUPE? Você acha que essas instituições contribuem para a sua formação? E as Ligas de Basquetebol?
4. Quais os conteúdos (de quais áreas) que considera mais relevantes para aprender? Por quê?
5. O que você acha que é o principal para um treinador? Por quê? Como se aprende isso?

JOGO OFENSIVO

1. O que você acha que seus alunos devem saber fazer **individualmente** para que o ataque seja eficaz? Como você ensina esses conteúdos?
2. O que você acha que seus alunos devem saber fazer **coletivamente** para que o ataque seja eficaz? Como você ensina esses conteúdos?
3. Qual(is) é(são) o(s) sistema(s) ofensivo(s) que você considera(m) mais importante(s)? Por que? Cite um exemplo de como você ensinaria.
4. Fale um pouco sobre o contra-ataque. Como você ensina isso?

JOGO DEFENSIVO

1. O que você acha que seus alunos devem fazer **individualmente** para que a defesa seja eficaz? Como você ensina esses conteúdos?
2. O que você acha que seus alunos devem fazer **coletivamente** para que a defesa seja eficaz? Como você ensina esses conteúdos?
3. Qual(is) é(são) o(s) sistema(s) e defensivo(s) que você considera(m) mais importante(s)? Por que? Cite um exemplo de como você ensinaria.
4. Fale um pouco sobre o retorno defensivo. Como você ensina isso?

Para a seleção dos locais das entrevistas aqueles que apresentaram ruídos que prejudicasse a concentração da entrevista e a aquisição do áudio foram descartados, pois foi preconizada a atenção exclusiva dado pelo entrevistado ao entrevistador, favorecendo a interação entre ambos (SANTANA, 2008).

As transcrições dos discursos foram realizadas no mesmo dia em que foram obtidas, para que assim haja uma maior confiabilidade das informações expressadas e pelo fato de o discurso ainda está latente para o pesquisador (OLIVER; SEROVICH; MASON, 2005). Como forma de validação dos conteúdos das entrevistas, as transcrições foram enviadas aos entrevistados para efetuar as considerações que julgassem pertinentes.

Análise dos depoimentos

Para a tabulação e análise dos discursos foi utilizado o método do Discurso do Sujeito Coletivo (DSC) (LEFÈVRE; LEFÈVRE, 2003). Esse método foi desenvolvido para pesquisas de opinião, representação social ou que tenham como fonte de material depoimentos ou outros materiais de base verbais ou outros suportes de material verbal como matérias de revistas, jornais e etc (LEFÈVRE; LEFÈVRE, 2012). No DSC há a agregação de trechos contínuos e/ou descontínuos dos discursos individuais, no qual se busca a expressão do pensamento de uma comunidade, mantendo a sua coerência (MENEZES, 2011).

Isso é possível tendo em vista a Teoria das Representações Sociais (TRS), que contém uma forma de conhecimento compartilhada e elaborada que contribui para o entendimento de uma realidade de um determinado conjunto social, permitindo que haja uma comunicação de sentidos entre os membros da sociedade conferindo-lhes coesão (LEFÈVRE; LEFÈVRE, 2003).

Nesse sentido a TRS visa compreender como um determinado grupo constrói um conjunto de saberes que são hierarquizados e influenciam nas suas condutas e práticas sociais,

uma vez que se faz necessário entender como as pessoas pensam, o porquê desse tipo de pensamento e como ele se organiza (AMBLARD; CRUZ, 2015).

Os discursos são analisados de forma a identificar figuras metodológicas específicas para a elaboração do DSC, como as ideias centrais e as expressões-chave. Tais figuras metodológicas são assim definidas: ideias centrais (IC - representação sucinta, fidedigna e objetiva do sentido do discurso sobre uma temática); expressões-chaves (ECH - transcrições literais de trechos do discurso, revelando a essência desse); discurso do sujeito coletivo (DSC - discurso-síntese redigido em primeira pessoa do singular a partir das ECH que possuem a mesma IC) (LEFÈVRE; LEFÈVRE, 2003).

Para Santana (2008) as figuras metodológicas estão inter-relacionadas, ao passo que as IC têm seu surgimento e teor a partir das ECH, assim como o DSC é construído a partir das ECH de todos os sujeitos que remetem à mesma IC. Portanto, o encadeamento das ECH gerará um DSC, no qual o discurso de todos é representado por apenas um discurso (SANTANA, 2008; MENEZES, 2011). Portanto seu objetivo não é reduzir os discursos a uma categoria única, com uma quantificação dos discursos (MENEZES, 2011), mas sim mostrar que há diferentes categorias de pensamento coletivo entre as populações envolvidas (LEFÈVRE; LEFÈVRE, 2003).

CAPÍTULO 4: RESULTADOS E DISCUSSÃO

Após a etapa de transcrição das entrevistas foi realizada a tabulação dos dados referentes ao processo de formação profissional, os conteúdos abordados na categoria inerentes às fases ofensiva e defensiva e as formas de ensino utilizadas. Os DSC construídos estão representados abaixo.

Processo de formação profissional

A partir dos discursos dos sujeitos foi possível identificar que quando questionados sobre a formação acadêmica ser suficiente para dominar os conteúdos específicos para exercer a função de treinador todos os 15 participantes responderam que não é suficiente.

Os treinadores relatam que a graduação tem uma base muito generalista e que muitas vezes as experiências práticas de uma modalidade esportiva não são vivenciadas tão profundamente a ponto de contemplar todos os conteúdos necessários para ser um treinador esportivo, fazendo com que esses tenham que procurar outros meios para complementar seus conhecimentos, mas ressaltam que para quem quer trabalhar no âmbito escolar a graduação se faz suficiente, uma vez que essa tem um caráter mais pedagógico, assim como representado no DSC1:

DSC1: “Na graduação é um ambiente mais amploS2,S4,S5,S6,S7,S8,S9,S10,S12,S13S14 na faculdade você tem a matéria do esporte específica, mas você acaba não vendo tudo, né? É bem iniciação mesmo, pras pessoas mais leigas, então a matéria afundo acaba não tendo, questão tática, vivência de jogo, de mudar uma defesa, do porque mudar uma defesa em determinado tipo de jogo... isso a gente acaba não vendo com tanta clareza na faculdadeS2 e quem quer se aprofundar, trabalhar com alto rendimento precisa buscar algo a maisS4,S6,S12. Além do que a prática e teoria dos conteúdos abordados na graduação estão muito distantes da realidade além de serem muito superficiais e muito desatualizadosS8.Na faculdade o conteúdo é muito básico, o que daria para aplicar apenas em escolas, onde o maior objetivo é pedagógicoS14.”

Outro ponto apresentado pelos treinadores é que os conteúdos abordados na graduação estão muito distantes da realidade encontrada no mercado de trabalho. Por sua vez, esses encontram na vivência prática (atletas e ex-atletas) (DSC 2) e nos cursos de pós-graduação uma maneira de complementar os assuntos abordados na graduação (DSC 3), mostrando que o

conhecimento adquirido vem de três fontes diferentes: como atleta, formação acadêmica e no dia a dia como treinador.

DSC2: “NãoS1,S2,S3,S5,S9,S11,S14,S15. Pois muitas das dificuldades do dia a dia você não aprende em sala de aula, sendo somente aprendendo em sua vivênciaS1,S3,S5,S14. Eu acho que se eu não tivesse vivenciado o esporte a vida toda, não tivesse sido atleta de alto rendimento, não tivesse presente em treinamentos a vida inteira, eu não conseguiria exercer tão bem a profissão de treinadorS2. Eu fui atleta de basquete durante 9 anos, então uma parte do meu conhecimento eu adquiri nesse processo, outra parte do processo acadêmico e a terceira parte eu estou adquirindo como treinadorS9,S11,S15.”

DSC 3: “A graduação nem tanto, mas a pós sim, porque acaba sendo uma coisa mais centrada, em que você vai direto ao ponto, ao que você precisaS10.”

Esses achados corroboram com Milistetd et al., (2014) pois devido a complexidade em que o treinador está inserido, não é possível na graduação aprofundar em conhecimentos necessários para se tornar um treinador esportivo. Assim sendo, ser treinador esportivo vai muito além de possuir o conhecimento específico de uma modalidade esportiva (GALATTI et al., 2016) mas sim de compreender a complexidade do contexto cultural e social que o seu trabalho está inserido, pensando no ensino esportivo de uma maneira holística e não somente pragmática e tecnicista (JONES, 2006).

Segundo Nelson, Cushion e Potrac (2006) existem três diferentes contextos de aprendizagem para o treinador: a) o contexto formal: caracterizado por situações em que é necessário passar por um processo de seleção antes de iniciar um curso com currículo estruturado e com certificação no final, sendo a graduação inserida nesse contexto, uma vez que é algo institucionalizado, graduado cronologicamente e hierarquicamente sistematizado; b) não formal: no qual há um direcionamento para uma população específica com temas de interesse no grupo (atividades organizadas como clínicas, workshops, internet) e c) contexto informal, que engloba todas as situações de aprendizagem do indivíduo sem estar necessariamente vinculado a uma certificação, bem como experiência e reflexão prática.

Cunha (2017) investigou a formação de cinco treinadores de basquetebol do município de Franca - SP e identificou que o ambiente formal de ensino não é suficiente para contemplar todos os conteúdos que utilizam na prática profissional, necessitando recorrer para outras

instituições no âmbito não formal e informal para que consigam desenvolver seu conteúdo teórico e prático de maneira mais efetiva.

Ramos et al. (2011) utilizaram-se de instrumentos de entrevista estruturada e semiestruturada para compreender a forma com que quatro treinadores experientes de basquete aprenderam a profissão. Os autores apontaram que os técnicos dão grande valor ao conhecimento prático (de resolução de problemas), e muitas vezes os propósitos do treino são influenciados por suas experiências pessoais.

O estudo de Lemyre, Trudel e Durand-Bush (2007) com treinadores de hóquei no gelo, baseball e futebol apontou que o programa formal para a formação dos treinadores é importante no primeiro ano como treinador principal de uma equipe. No entanto, os autores apresentaram que nesses programas formais uma grande carga horária é destinada a cursos teóricos, pela necessidade do aluno na graduação sair com uma carga mais generalista de conteúdos que abrangem o tema da educação física.

Millistetd et al. (2015) apontaram no seu estudo que apenas por intermédio da graduação não é possível formar um treinador, pois essa não abrange com profundidade os conteúdos específicos do esporte, tanto em quantidade quanto em qualidade devido a grande diferença que existe entre horas a serem cumpridas nas universidades federais brasileiras, tal aspecto é reforçado pela prerrogativa da formação generalista em Educação Física, regulamentada pela Resolução CNE/CES 7/2004. A perspectiva de aproximar o estudante da realidade prática compreende um marco evolutivo nos cursos de graduação de Educação Física. O entendimento de que a aprendizagem do profissional deva ser sustentado por conhecimentos deontológicos, relacionais e humanistas, desenvolvendo profissionais capazes de intervir de uma maneira profissional e ética, crítica e reflexiva, rompe com o paradigma tecnocrático que caracteriza o campo de formação em Educação Física por anos (SOUZA; NETO, 2005).

Portanto há um grande reconhecimento por parte dos sujeitos entrevistados da importância das experiências práticas e dos cursos de pós-graduação, para a preparação dos futuros profissionais, tendo uma maior proximidade com as reais competências necessárias para uma intervenção profissional. Uma vez que o processo de aprendizagem é individual e contínuo é possível afirmar que o desenvolvimento profissional dos treinadores inicia-se antes mesmo do ingresso à vida universitária, por meio de experiências ao longo da vida e prolongará ao decorrer de sua carreira. Sendo assim, o contexto retratado sobre o papel da graduação pelos entrevistados aproxima-se dos achados de outras pesquisas (WERTHNER; TRUDEL, 2006; LEMYRE; TRUDEL; DURAND-BUSH, 2007; MILISTETD et al., 2014; MILISTETD et al., 2015; STOSZKOWSKI; COLLINS, 2016).

Após identificar que a graduação não é suficiente para obter os conteúdos utilizados como treinador, outro questionamento foi levantado a respeito de como os treinadores adquirem esse conhecimento e se preparam para a sua formação atualmente.

Os discursos mostram que os sujeitos procuram primeiro em cursos e artigos científicos em que a busca se dá a respeito sobre treinamento esportivo (DSC4), assistindo a jogos, tanto em vídeos na internet como em jogos de campeonatos (DSC5), entrando em contato com outros treinadores mais experientes, fazendo com que o conhecimento absorvido faça parte da sua filosofia de treinador (DSC6), pesquisas na WEB através do youtube e fazendo edição dos vídeos da própria equipe (DSC7) e experiência prática como atleta (DSC8). Importante ressaltar que nos discursos os sujeitos apontaram mais de uma forma de aquisição de conhecimento, sendo que uma não exclui a possibilidade da procura em outra.

DSC4: “Faço curso de basquete, tento me reciclar com cursos que acontecem aqui em São Paulo ou fora de São Paulo e muito conteúdo teórico em artigos científicosS2,S3,S4,S7,S9,S11,S12,S13,S14 Artigos, principalmente na área de treinamento em que as coisas vão mudando bastante, então sempre ir procurando conhecimento através de artigo, de alguns outros estudos que acabam fazendo experimentaisS8,S10,S11,S12,S15.”

DSC5: “Assistindo a muitos jogosS1,S2,S5,S11,S13. Sempre tem que estar buscando assistir partidas de basquete de vários campeonatos para saber de sistemas novas de ataque e como se marcaS3. Acompanho muitos jogos da NBA e da Euroliga. Muitas vezes baixo o vídeo de algum jogo desse nível e faço a edição de jogadas ofensivas e defensivas que podem servir para mimS14 .”

DSC6: “Conversando com outros técnicos mais experientes que eu, nesses cursos você acaba encontrando técnicos de alto rendimento e acaba conversando, vê pontos de vistas diferentes, onde você tenta agregar ao seu conceito de treino e sempre evoluindo junto com o esporte S1,S2,S6,S11,S13,S15. Acompanhando os treinos do sub17 e sub19 aqui de Rio Claro, tem bons treinadores, eu vou acompanho os treinos, acompanho os jogosS4,S11.”

DSC7: “Vendo vídeos no youtubeS4,S13. Porém adquiro muito conhecimento através da WEB. Além de coletar bastante matérias de vídeos do Youtube ou de sites de federações e confederações de basquete estrangeirasS8. Fazer a edição dos jogos das minhas equipes, também é uma maneira de estudoS14.”

DSC8: “Por eu ter sido atletaS7,S12. Minha vivência como atleta dos 11 aos 23 anosS8.”

No presente estudo, os treinadores citaram um maior número de fontes de conhecimento em contextos informais quando comparados com os formais e os não-formais. Sendo a aprendizagem em contexto informal ligada a uma aprendizagem auto-dirigida, fazendo com o treinador acesse conteúdos de fontes diversas para assim resolver um problema de sua prática (NELSON; CUSHION; POTRAC, 2006).

A aprendizagem informal é conhecida como um processo que a pessoa adquire ao longo da vida, acumulando conhecimentos, habilidades, atitudes, e percepções através das experiências diárias, bem como experiência anterior como atleta, orientação informal, experiência prática em coaching, além da interação com outros atletas e treinadores (NELSON; CUSHION; POTRAC, 2006).

Já as formas não formais de aprendizagem são caracterizadas por qualquer organização sistemática, educativa realizada fora do quadro de sistema formal, que oferece aprendizagem para subgrupos específicos da população, assim sendo, conferências, seminários, workshops e clínicas. Embora, as aprendizagens formais e não formais apresentem semelhanças entre elas, elas se diferem em ser direcionada a um subgrupo da população com formas alternativas de aprendizado, sendo normalmente cursos de curta duração em uma área específica de interesse.

Esses achados corroboram com Cunha, Estriga e Batista (2014) que apontam a existência de diversas maneiras do treinador reunir seus conhecimentos, seja através de sua experiência como atleta, experiência como treinador, participações em cursos de treinadores, a interação com outros treinadores e a influência de mentores, entretanto deve-se entender a mediação não como uma simples relação de transmissão de conhecimento, mas como um processo influenciado pelas situações sociais adquiridas das experiências ao longo da vida (JONES, 2006).

Diante dos contextos de aprendizagem apresentados, os treinadores podem optar por diferentes situações de aprendizagem para buscar o conhecimento que julgam necessário ao seu ambiente de treinamento.

As situações de aprendizagem estão relacionadas às formas nas quais os treinadores buscaram conhecimento, é a percepção do indivíduo sobre a sua própria aprendizagem. Nesse sentido, Trudel et al., (2013) caracteriza essas situações como situações mediadas (cursos de formação, clínicas, workshops, estágios formais), situações não mediadas (discussão com treinadores, mentoring, conversas com atletas, observação de treinos, internet) e situações internas (reflexão, diários, mapas conceituais, conversas reflexivas).

A ferramenta mais utilizada pelos treinadores em um contexto informal de aprendizagem é o uso da internet, uma vez que essa possibilita uma capacidade na atualização de diversos assuntos, sendo disponibilizada em qualquer lugar do mundo, promovendo programas de ensino a distância por exemplo (TRUDEL; CULVER; WERTHNER, 2013).

Importante ressaltar que a percepção que os treinadores têm a respeito dos seus próprios conhecimentos é que vão salientar a procura por novos saberes para que assim possam melhorar suas decisões (STOSZKOWSKY; COLLINS; 2016), demonstrando que os treinadores têm que criarem situações de aprendizagem, seja por cursos, workshops, experiência como atleta, graduação, para assim melhorar a sua formação enquanto treinador esportivo.

Rodrigues et al. (2017) entrevistaram seis treinadores de basquetebol de jovens atletas, com o objetivo de investigar as fontes de conhecimento que sustentavam o processo de formação e o desenvolvimento profissional desses treinadores. Os resultados mostraram que os treinadores utilizam de pelo menos seis fontes de conhecimento distintas, quais sejam: internet, experiência como atleta, diálogo com outros treinadores, curso de Educação Física, experiência e prática do dia-a-dia e cursos específicos da modalidade. Esse quadro reforça que o processo de construção de conhecimento acontece de forma individual, sendo balizado por contexto distintos e experiências pessoais.

Para Cunha, Estriga e Batista (2014) a aprendizagem direta pode ocorrer em qualquer lugar e a qualquer momento sem a necessidade de um instrutor, sendo elas interação com outros treinadores, interação com atletas, experiência como atleta e treinador, influência de mentores, observação de competições e treinadores, pesquisa e investigação, interação com agentes desportivos, material tecnológico e competição. Já a aprendizagem interna, leva em consideração as ideias já existentes na estrutura cognitiva do treinador através de um processo de reflexão.

Os discursos acima mostram que o aprendizado ocorre mais frequentemente fora do contexto formal e mais fortemente nos informais, sendo a procura por cursos, conversas com treinadores mais experientes, experiência como atleta os mais destacados na visão dos treinadores, mas por sua vez, a Federação Paulista de Basquetebol, juntamente com as Ligas

de Basquetebol, deixa a desejar quando o assunto é a contribuição com cursos, palestras e seminários para a formação dos treinadores.

A Federação Paulista de Basquetebol é uma entidade regulamentadora da prática esportiva do basquete no estado de São Paulo, contento atualmente cinquenta e quatro clubes filiados, mas que por sua vez não oferece cursos específicos para a formação de treinadores sendo esses importantes uma vez que oferecem inclusão social e interação com profissionais da área, capacitação de atletas, treinadores e estudantes e a difusão da prática do basquetebol no Brasil.

Os treinadores apontam para o oferecimento de cursos técnicos e congressos a respeito de regulamento e formato de campeonato, mas o suporte em relação a formação é muito distante, principalmente nas ligas universitárias (DSC9). Embora, 33,4% dos treinadores apontam para uma melhoria nos últimos anos, em relação ao investimento e atualização dos profissionais envolvidos em relação aos últimos anos, com realizações de clínicas para treinadores e atletas (DSC10).

A última clínica oferecida pela FPB até o momento ocorreu no dia 20 de fevereiro de 2019, sendo oferecida para treinadores e assistentes com o intuito de promover conhecimento, informações e novas experiências profissionais (FEDERAÇÃO PAULISTA DE BASQUETEBOL, 2019).

Abaixo estão representados os discursos dos treinadores, referentes ao questionamento abordado:

DSC9: “Ela é bem distante do basquetebol universitário, as ligas também, são bem distantesS9. A federação paulista faz alguns cursos de técnico, algumas clínicas de basquete, de treinamento, que é como ela dá a formação. A contribuição deles num âmbito universitário eu acho que é basicamente zero, assim como as ligas em geral... são bem baixasS1,S2,S3,S8,S10,S13,S15. É uma coisa muito cara, eles cobram muito em tudo e como técnico mesmo não ajuda muita coisaS5. A FPB não tem nada a ver com a formação de técnicos, ela só trabalha na organização de competições e na parte de arbitragens, as ligas são iguaisS7.”

DSC10: “Sim, tem melhorado muito os cursosS4,S11. A federação está proporcionando cursos, tá proporcionando clínicas, eu acho que isso deveria ter começado a mais tempoS4,S6,S14. Antes essas relações eram bem distantes,

porém percebo que agora os esforços das instituições responsáveis pela modalidade estão correndo atrás do prejuízo e investido em cursos de atualização e formação de profissionais, porém, claro, acredito que ainda precisamos evoluir muito neste desenvolvimento aindaS12.”

Diretamente relacionada ao âmbito universitário, a FUPE (Federação Universitária Paulista de Esportes) é a entidade que regula o esporte universitário no estado de São Paulo, sendo essa filiada à Confederação Brasileira do Desporto Universitário e sendo a universidade muitas vezes porta de entrada para os novos treinadores, esses necessitam de um direcionamento maior e um respaldo mais abrangente frente as Ligas Universitárias, uma vez que Trudel e Gilbert (2006) apontam que a busca por situações de aprendizagem mediada ocorre com uma maior frequência nos primeiros anos de carreira como treinador e ainda se a experiência prévia como atleta for pequena ou inexistente.

Cunha, Estriga e Batista (2014) entrevistaram treinadores de handebol da 1ª divisão portuguesa e verificaram que os cursos oferecidos foram considerados pouco relevantes por serem de baixa qualidade, devido a experiência dos treinadores, o formato atual dos cursos não atende à demanda de conhecimento proposto, portanto os cursos ministrados deveriam ser parte de uma seleção de conteúdo para o público-alvo estudado.

Partindo-se dessa premissa, outro questionamento foi levantado acerca dos conteúdos que os treinadores acham mais relevantes para aprender. Os discursos apontam que os sujeitos veem com maior importância disciplinas que a graduação oferece, bem como: biomecânica, cinesiologia, psicologia, pedagogia, treinamento e fisiologia. Apontam também que é importante saber administrar o grupo com o qual se trabalha, ou seja, saber interpretar da melhor maneira as pessoas que fazem parte do grupo, para assim conseguir um trabalho em equipe eficiente, como mostrado no DSC 11.

DSC11: “Às vezes você tem que falar com um mais bravo, com outro mais carinho, porque cada um interpreta de uma forma e você saber o que o seu time pode oferecer, e isso são habilidades que você tem que ir adquirindo com o tempo, você pode ir buscando informações de como interpretar pessoas, como interpretar gestos, como lidar com grupo, trabalho em equipe, trabalho individuais, são coisinhas que você vai buscando no seu dia a dia que você vai agregandoS1,S10,S14. Aprender a trabalhar em equipe com jogos cooperativosS2,S7.”

Em seguida, encerrando o bloco de perguntas a respeito da formação dos treinadores, foi questionado o que era o principal para um treinador segundo esses. Os discursos mostram mais uma vez que é preciso saber administrar o grupo (DSC12), investir na formação do atleta, trabalhar aspectos como liderança e educação (DSC13), ter um bom planejamento (DSC14) e ser detalhista, ou seja, apontar os mínimos erros que os jogadores apresentam durante jogos e treinos, para assim corrigi-los (DSC15).

DSC12: “ Acho que o principal é adaptação e conhecimento. Como que você faz isso, é estando aberto a oportunidades, diálogos, trocas de experiências e aprendizados novos, ideias novas que surgem, a troca de experiências^{S1}. Saber gerenciar pessoas, eu acho que não adianta o treinador ter muita experiência tática, técnica se ele não for um bom gestor de pessoa, que eu considero...saber se relacionar com os atletas, buscar o melhor de cada um, buscar compreender cada um.. Porque cada um é diferente, cada um pensa de uma maneira, cada um reage de uma maneira^{S4,S6}. Precisa ser amigo ser psicólogo, trabalhar com e entre o grupo, trabalhar os jogadores individualmente^{S7,S10,S12,S14,S15}. Lideramos pessoas, com muita diversidade, onde temos que concentra-las em um único objetivo^{S11}.”

DSC13: “ A capacidade de educar um atleta. No esporte você aprende muito a como ser uma pessoa melhor na vida. Eu falo pra todo mundo que eu não segui carreira no basquete, mas muito do caráter, educação que eu tenho, do homem que eu me formei vem do esporte, principalmente no esporte coletivo, acho que trabalhar em equipe é uma coisa que o esporte ensina, ter liderança, saber trabalhar com pessoas melhores ou piores que você, mais habilidosas ou menos que você, saber trabalhar com diversas personalidades^{S2}. Basquete também seja vital para se obter sucesso no desenvolvimento e formação de atletas^{S8}. O técnico tem que aprender, a escutar o que os atletas estão falando e os atletas aprender a escutar o que o técnico fala^{S3}.”

DSC14: “ É você ter em mente, o que você almeja para seus atletas^{S9}. Paciência e saber demonstrar o que está pedindo para executarem^{S13}.”

DSC15: “ Detalhista. Porque a gente deixa passar muita coisa que faz diferença no hora jogo, então cada jogador a gente tem que corrigir com detalhe o que tá acontecendo, porque por exemplo, se a gente não corrige um arremesso, ela vai arremessar a vida toda errado e a cesta não vai cair por exemploS5.”

Os resultados corroboram com os achados de Moreno e Del Villar (2004) que apontam que o treinador deve ser um profissional com formação acadêmica e que possua uma capacidade de reflexão elevada tendo convicção da validade no trabalho coletivo. Necessário também que seja um profissional que se adeque aos avanços científicos, aperfeiçoando-se continuamente para se adaptar ao contexto esportivo de uma forma equilibrada, responsável e participativa.

Para Dantas (2003) o treinador deve ser o responsável pelo treinamento técnico-tático, tendo um controle direto dos atletas de sua equipe, assumindo a liderança na comissão técnica, mantendo uma boa relação interpessoal com os jogadores, utilizando a metodologia que mais se encaixa no programa, o planejamento das sessões de treinamento, ter um domínio das características dos seus atletas, além de ter gosto pelo o que faz e saber motivar (CUNHA; ESTRIGA; BATISTA, 2014).

Egerland, Nascimento e Both (2009) apontaram o nível das importâncias das competências dos treinadores catarinenses, considerando a sua formação acadêmica e o nível de competição que participavam. Os resultados mostram que para os treinadores que participaram do estudo há uma elevada valorização nas áreas do conhecimento da biomecânica, psico-socio-culturais, gestão e legislação e metodologia do esporte, assim como habilidades de planejamento, gestão esportiva, avaliação, comunicação, integração, auto-reflexão e atualização profissional.

Segundo Santos e Mesquita (2010) o treinador deve ser capaz de organizar, avaliar, implementar e ajustar um planejamento e orientar os alunos durante os treinos e competições, fazendo com que os treinadores se tornem líderes de programas de formação e de desenvolvimento desportivo, tendo a liderança e a gestão como características básicas. Já para as competências pessoais a capacidade de reflexão, comunicação e de responsabilidade pessoal são os pilares que sustentam o relacionamento dos treinadores com os envolvidos no esporte.

Através dos achados é possível afirmar que em qualquer ambiente de ensino há a necessidade que os treinadores recebam instruções e experiências que os norteiam ao longo da sua trajetória, embora o processo formal seja obrigatório para a atuação legal e profissional, esse conhecimento não contempla todas as necessidades para a profissão, uma vez que esse

não deve ter o domínio apenas técnico, mas sim estar preparado para tomar decisões em seu ambiente profissional, cuja complexidade é alta devido aos diferentes contextos no qual o treinador está inserido.

Processo de ensino-aprendizagem-treinamento

Jogo defensivo

Identificado o processo de formação dos treinadores universitários, esses foram questionados a respeito dos métodos de ensino-aprendizagem e dos conteúdos abordados nas sessões de treinamento, pois segundo Egerland, Nascimento e Both (2009) é necessário que os treinadores possuam conhecimentos e vivências que vão além dos adquiridos como atletas, pois somente o conhecimento específico da modalidade não basta, tornando-se necessário o acompanhamento dos avanços científicos aplicados ao contexto esportivo. Os autores ainda destacam que é necessário ter uma boa formação como treinador para garantir a organização e o alcance das metas no processo de treinamento, uma vez que esse é responsável pelo treinamento técnico-tático, tendo o controle direto dos seus atletas e assumindo o papel de líder na comissão técnica, planejando as sessões de treinamento, o emprego da melhor metodologia, domínio dos conhecimentos a respeito das características dos atletas e mantendo uma boa relação interpessoal com os jogadores (CUNHA *et al*, 2000).

Quando os treinadores foram indagados sobre o que era necessário seus jogadores fazerem individual e coletivamente para uma defesa eficaz na categoria, foram citados 5 discursos que estão representados no quadro a seguir:

Quadro 3: IC referentes aos conteúdos individuais e coletivos.

INDIVIDUAL	COLETIVO
Postura (S1,S2,S3,S4,S5,S6,S7,S8,S9,S10,S12,S13,S14,S15)	Visão de jogo (S1,S3,S13,S15)
Comunicação (S9,S11)	Ajuda (S2,S4,S5,S6,S7,S8,S10,S12,S13,S14)

	Comunicação (S8,S9,S10,S11)
--	------------------------------------

Os resultados apontam para uma maior valorização da postura defensiva e da comunicação entre os jogadores individualmente. Coletivamente os treinadores valorizam mais a ajuda defensiva, visão de jogo e a comunicação.

Daiuto (1983) considera o basquetebol um esporte completo. Um jogo de coordenação de movimentos, de grande intensidade motriz e que permite o desenvolvimento de todas as qualidades que a vida moderna exige. Ferreira e De Rose Jr (2003) abordam as diferentes habilidades específicas como fundamentos do jogo, sendo essa a representação técnica de um movimento.

Os fundamentos do basquete podem ser classificados em dois grupos, fundamentos da defesa (caracterizados através de ações sem a posse da bola) e do ataque (executados com a posse da bola). Os fundamentos defensivos são identificados através da execução de movimentos para tentar recuperar a posse da bola, como por exemplo, o controle do corpo e o rebote (ofensivo e defensivo) (DAIUTO, 1983).

Wooten (1992) aponta que no basquetebol deve-se proporcionar ênfase em defesa e rebote desenvolvendo certos princípios defensivos como: pressão no homem da bola, pressão nas primeiras linhas de passe, ajuda no lado sem bola, bloqueio de rebote e saída para o contra-ataque, assim como representam os resultados, os jogadores precisam ter visão de jogo (DSC16).

DSC16: “ Visão periférica^{S13,S15}. Tem que ver onde seu companheiro vai estar, onde a bola vai estar pra você ir ensinando ele a se colocar^{S1,S3}.”

Minotto (2012) mostra que durante a ação defensiva o jogador necessita estar devidamente posicionado para ter uma melhor eficiência, obtendo um melhor trabalho de pés, equilíbrio do corpo (abertura de pernas superior que a linha dos ombros, joelhos semiflexionados com um dos pés ligeiramente à frente juntamente com o braço do mesmo lado e dirigido para cima com o outro semiflexionado para o lado e o tronco mais reto possível), indo de encontro com os resultados encontrados, assim apontados no DSC 17:

DSC17: “ Postura defensiva,^{S3,S4,S5,S6,S7,S8,S9,S10,S12,S13,S14,S15}. Marcar individualmente você tem que ter muita perna, muita postura de

marcação, ou seja, retirar a linha de passe da pessoa mais próxima da bola, flutuando do lado contrário, então são algumas características que é necessário pra ter um defesa efetiva, base bem feita, não pular, saber que se você tá marcando chutador ou cortador, saber então se você tem que marcar com a mão pra cima pra baixo, é saber que o deslocamento é lateral e como você faz^{S1}. Marcar agachado o tempo inteiro, se for pra roubar a bola sempre de baixo pra cima, não de cima para baixo, as coisas básicas do basquete e perna, trabalhar sempre o centro do seu corpo na frente do seu adversário, entre ele e a cesta, e marcar forte,^{S2}. Terem muita vontade de defender, boa postura, velocidade nos pés e um bom trabalho de sustentar o 1x1^{S13}”

Outro fator vital para o sucesso do sistema defensivo é a capacidade dos defensores em direcionar os seus companheiros para evitar cortes, bloqueios, fintas, “corta-luzes” da equipe adversária, além de sanar-se lapsos de posicionamento (O’HANLON, 1977). Tal comunicação, segundo Bee (1942) fortalece os os vínculos de ajuda mútua entre os jogadores, além de proporcionar um fator de motivação para a defesa. Esses achados corroboram com os resultados encontrados tanto para aspectos individuais (DSC18) quanto coletivos (DSC19).

DSC18: “ Falar, se o atleta não fala, se não tem entrosamento nada resolve^{S9}. Sai, sobre, desce, cobre, avisar corta luz, bloquear seu marcador^{S11}. ”

DSC19: “ Coletivamente tem que ter muita ajuda, recuperação do cara que te ajudou, tem que ter o posicionamento defensivo muito bem marcado, em pressão também, quem não ta na bola, tem que saber onde que tem que estar pra poder antecipar o passe^{S2,S5,S6,S7,S8,S10}. Flutuar, o lado forte, o lado da bola tirar o passe e o outro lado flutua, saber se posicionar diante de um ataque, não ficar só preocupado com sua área e seu atleta, mas saber ajudar todo mundo^{S4,S12,S13,S14} [...] Acredito que um bom posicionamento e uma boa comunicação são essenciais para uma organização defensiva eficiente^{S8,S9,S10,S11}. ”

Ferreira (2003) aponta que o treinador deve dedicar, pelo menos, metade do tempo do treinamento para a prática de exercícios defensivos. A necessidade de bastante tempo, concentração, paciência, disciplina e o compromisso dos atletas para a construção de uma defesa, são exigências que dificultam a tarefa do treinador em mostrar a importância da defesa para os atleta, uma vez que a maior espectacularidade do jogo está no ataque em relação à defesa atraindo mais a atenção dos que vivem a modalidade.

Para Araújo (1977) os treinadores devem ensinar aos seus jogadores uma filosofia defensiva que contemple: responsabilidade de todos perante a bola, atitude ativa e não reativa, impedir que o ataque se movimente pelas zonas que pretende, definição de objetivos para cada jogo, atitude agressiva e impedir que qualquer jogador fique livre.

Por tanto uma equipe de qualidade, independentemente do nível, deve respeitar determinados princípios defensivos relacionados com a filosofia do treinador, sendo que os jogadores devem compreender que suas atitudes não são solitárias, a ação coletiva deve estar sempre presente para que assim os cinco jogadores trabalhem em conjunto para anular o ataque adversário.

Para tanto, o profissional responsável pela abordagem desses conteúdos assume papel fundamental e a sua formação constitui um dos alicerces de suas ações pedagógicas. Menoncin Jr (2003) mostra que a carreira de treinador no Brasil pode ser considerada uma das mais difíceis, devido aos problemas que vão desde a formação profissional à remuneração financeira até a exigência constante de vitórias.

Uma vez que tais conteúdos são exigidos, a forma como esses são ensinados também passa a ter demasiada importância para os treinadores e jogadores, portanto os resultados obtidos através da questão: “como você ensina esses conteúdos?” estão representados abaixo:

Quadro 4: IC referentes aos métodos de ensino

INDIVIDUAL	COLETIVO
Analítico-sintético (S1,S2,S4,S5,S7,S9,S11,S12)	Métodos situacional e global (S1,S2,S3,S4,S5,S6,S7,S8,S9,S10,S11,S12,S13,S14,S15)
Métodos situacional e global (S3,S6,S8,S10,S13,S14,S15)	Analítico-sintético (S7,S10,S11,S12,S13,S14,S15)

Partindo-se de aspectos individuais como postura defensiva, os sujeitos apontam que a repetição, ou seja, o uso do método analítico-sintético seria uma das melhores formas de ensino, como mostrado no DSC20.

DSC20: “Primeiro trabalhar o posicionamento do jogador, utilizando as características da pessoa, você vai falando, faz assim que você consegue um resultado um pouco melhor, repetindo várias vezes até a pessoa fixar aquilo e compreender que aquela é a melhor forma de marcar e estar jogando^{S1,S5,S7,S9,S11,S12}. É bastante trabalho físico, posicionamento de defesa, deslocamento defensivo, muitos reclamam no começo porque pega muito a musculatura da perna, corrijo a postura, sempre tronco ereto, nunca tronco baixo, pernas semi flexionadas, evitar cortes, recuperar a defesa, correr em velocidade, tomar a frente^{S2}.
Fazer bastante escadinha, exercícios que possam trabalhar mudança de direção e a base de repetição^{S4}.”

Já os métodos de ensino ativos, como método situacional, global e o Teaching Games for Understanding (TGfU) aparece tanto para o ensino de conteúdos individuais (DSC21) quanto coletivos (DSC22). Nos discursos foi apresentada uma preferência por jogos que envolvam superioridade e inferioridade numérica, visando a tomada de decisão e a resolução de problemas de uma forma mais rápida. Segundo Santana (2004) os jogos adaptados são caracterizados por desenvolverem inteligência tática, técnica, física e emocionais mantendo a unidade do jogo.

DSC21: “É feito um trabalho de duplas, de passar homem a homem^{S3}. Muitos exercícios de 1x0, 1x1, 2x2, 2x3 e 4x4^{S13}. Um dos jogadores batendo bola e o outro se deslocando do fundo da quadra até a outra só com movimentação com base defensiva, flutuação, deslocamento laterais, em trios com troca de bola pra ele se movimentar bem^{S6}. Essas situações são colocadas em treinos sempre partindo do mais básico ao mais complexo, quando colocamos situações de 1x1 por exemplo, nós procuramos exigir que o defensor execute uma defesa ativa não deixando o atacante tomar decisões fáceis e se possível fazer com que

o jogador com bola fique mais de lado ou de costas para a cesta durante o ataque^{S8,S10,S14,S15}

DSC22: “ Mostrando situações de jogo, se a bola tiver nisso você tem que fazer isso, até a fixação da jogada da defesa porque se você não estiver bem posicionado da defesa sempre vai sobrar uma bola, então se seu companheiro ou você não fizer o que for combinado sempre vai sobrar espaço^{S1,S2}.

Ensinar através do jogo, colocando meia quadra, 5x5, corrigindo as falhas defensivas, quando ajuda, quando não ajuda, ou quando não flutuou, quando esqueceu de se comunicar, acho que corrigindo esses aspectos^{S4}. 2,1,2 e movimentação da defesa^{S5}.

Faço muito 5x5 4x4 3x3 onde a defesa tem que se ajudar, 4 atacantes e 3 defensores^{S6}.

Quando eles já estão conseguindo fazer uma boa defesa no 1x1 começamos a inserir as meias ajudas e a primeira ajuda (isso quando o defensor do atacante com a bola é superado no 1x1)^{S8}. Deslocamentos pela quadra , treinos 1x1, 2x2, 3x2, 4x4, 5x0, 5x5, posição de pernas^{S7,S10,S11,S12,S13,S14,S15}.

Os resultados encontrados vão de encontro com os resultados apontados por Galatti et al. (2014) que mostram que os referenciais metodológicos passaram a sustentar a lógica didática subordinada à lógica do jogo, ou seja, faz-se o uso das compreensões da tática do jogo rompendo com os pressupostos de métodos voltados apenas para a aprendizagem do movimento.

O TGfU parte de quatro princípios pedagógicos: a) seleção do tipo de jogo (partindo do pressuposto que os jogos selecionados devam oferecer uma multiplicidade de experiências); b) a modificação do jogo por representação (jogos reduzidos que contenham a mesma estrutura tática dos jogos formais; c) modificação por exagero (manter problemas táticas, apesar de estar sendo feita uma tarefa simplificada) e por fim d) ajustamento da complexidade tática (desenvolvimento correspondendo do jogo às competências e potencialidades dos jogadores) (CLEMENTE, 2012).

Já o uso do método global-funcional faz com o jogador utilize da sua lógica de compreensão de jogo de forma que essa agregue com a assimilação dos demais JEC a partir das transferências de prática (GALATTI; PAES, 2007) ou seja, a premissa do método é, a partir de situações-problema que se baseiam em jogos de menor complexidade, proporcionar vivências aos jogadores que os permitam resolver os problemas impostos durante os jogos de uma maneira eficaz, sem perder o vínculo com os aspectos táticos, técnicos e lúdicos (GALLATI; PAES, 2007). É um princípio que tem o objetivo de promover mudanças no ensino dos JEC, pois é um método que visa não só o domínio dos elementos técnicos, mas também exige que a inteligência dos jogadores seja desenvolvida para resolver as situações-problemas que lhe são impostas (MEMMERT; HARVEY, 2010).

Portanto trata-se de se entender o estímulo não de uma forma fragmentada, mas sim como um todo (GRECO, 2001). Memmert e Harvey (2010) mostram que o ensino por meio de jogos ocorre devido a insatisfação do aprendiz frente ao processo de aprendizado centrado em elementos técnicos que visam a desvalorização dos processos cognitivos relacionados ao jogo, ou seja, é necessário que se crie jogos de menor complexidade que envolvam aspectos técnicos, táticos e lúdicos (GALATTI, PAES, 2007).

O método situacional no qual, a partir de unidades funcionais extraídas do jogo formal, com número reduzido de jogadores, como o 2x2 e o 3x3, espera-se que o jogador consiga transferir para o jogo formal as relações entre os aspectos técnicos e táticos (MENEZES; SOUZA; BRAGA, 2011; MENEZES; MARQUES; NUNOMURA, 2014).

Esse método permite que o aprendiz tenha a escolha de tomar uma ou outra decisão que terá consequências diferentes, podendo assim alterar o cenário técnico-tático do jogo (RICCI et al., 2011), sendo assim, é esperado que o aprendiz responda criticamente e de uma forma inteligente diante ao cenário imprevisível do jogo.

Greco (2001) aponta que é possível desenvolver ao mesmo as capacidades técnicas e as táticas, para isso o jogo tem que ser criado a partir da realidade do própria aprendiz para que ele possa dominar e compreender suas capacidades físicas, técnicas e táticas que são exigidas durante as situações-problemas que são impostas.

Esses modelos de ensino dos jogos desportivos centrados no conhecimento tático, *Teaching Games for Understanding* por exemplo, desperta nos praticantes o prazer pela prática, pois o processo é voltado para as situações de jogo com foco na apreciação do jogo, conhecimento tático e também está inserido em um ambiente que estimula as tomadas de decisão, que por si conduzem o desenvolvimento dos aspectos técnicos (ANTUNES; SAMPAIO, 2003)

Memmert e Harvey (2010) e Ricci et al. (2011) mostram que o ensino por meio de jogo é mais eficaz, pois faz com que o aprendiz desenvolva o seu pensamento tático entendendo assim as razões que o levaram a terem um certo comportamento.

Portanto toda essa perspectiva de ensino-aprendizagem corrobora com Paes (2001) que mostra a importância de se jogar para aprender e não o contrário, ou seja, de que é necessário aprender os elementos técnicos para só depois jogar.

Apontados os conteúdos que os treinadores julgam serem mais relevantes para os jogadores e a forma como eles ensinam, foi questionado qual o tipo de sistema defensivos que os treinadores consideram mais importante nessa categoria e como eles ensinam esses sistemas, uma vez que o regulamento do campeonato (FUPE) não prioriza nenhum tipo de defesa como em outras competições que fazem parte das Ligas de Basquetebol e também pelo fato dos sistemas defensivos se diferenciarem em: individual, zonal, combinado e misto (FERREIRA; DE ROSE JR, 2003)

Quadro 5: IC referentes aos sistemas defensivos

IC	SUJEITOS
Individual	(S2,S4,S8,S9,S10,S11,S12,S14,S15)
Zona	(S1,S3,S4,S5,S6,S7,S9)
Depende do adversário	(S13)

Assim como mostra os discursos, a defesa individual é a mais enfatizada pelos sujeitos, corroborando com os achados de Reis (2009) que afirma que a defesa individual deve ser treinada e praticada desde a iniciação esportiva do atleta, mas sempre respeitando as limitações de idade e nível de jogo. Sendo que o principal objetivo da defesa é fazer com o adversário encontre dificuldade em progredir com a bola em direção ao alvo, ou seja, receber a bola, arremessar, fazer um passe ou drible, organizar o ataque e montar um esquema de jogo (MINOTTO, 2012), bem como demonstrado no DSC 23.

DSC23: “Defesa individual^{S2,S4,S8,S9,S10,S11,S12,S14,S15} porque entendo ser a mais eficiente pois ela diminui e minimiza o espaço para o adversário pensar e reagir^{S12}.”

Josgrilberg (2008) destaca que a defesa individual é o tipo de defesa mais utilizado em 91% do tempo no basquetebol de alto nível, juntamente com Almeida (1998) que mostra que a defesa individual é a mais indicada para a iniciação da modalidade, podendo essa ser feita através de pressão nos jogadores, com flutuação, ajuda ou dobrando a marcação (GUERRINHA, 2001).

As defesas individuais podem ser agrupadas em: defesa individual, também conhecida como defesa “homem-a-homem”; defesa de saltar e trocas; defesa em flutuação; defesa de antecipação; defesa de intensidade mista (pressão sobre determinado jogador e flutuação em outros). Esse tipo de defesa está na base da formação e desenvolvimento de qualquer jogador, tendo a consciência do trabalho coletivo e uma boa atitude defensiva (SOUSA, 2007)

Araújo (1977) descreve alguns princípios mais comuns nas defesas individuais entre vários treinadores: pressão sobre o portador da bola, impedir as infiltrações pelo meio e linha final, impedir que qualquer jogador fique livre, agressividade, bloqueios e ressalto defensivo, equilíbrio defensivo, pressão nas linhas de passe, ajuda defensivamente, movimentação da defesa simultânea com a bola, ver a bola e o atacante e comunicação, avisando os cortes e bloqueios.

Sousa (2007) cita em sua monografia vários autores que afirmam que para uma defesa individual funcionar positivamente é preciso que os marcadores sempre pressionem o homem que estiver com a posse da bola, ou seja, o jogador adversário que estiver com a posse da bola sempre vai receber marcação forte pelo defensor que irá pressionar o drible e não deixar o atacante passar a bola.

Normalmente nesta defesa o jogador irá marcar um oponente com o mesmo perfil físico que ele, para que o ataque não tenha vantagem sobre a defesa. Um exemplo de desvantagem para a defesa é um armador que é um jogador mais baixo marcando um pivô que é o mais alto da equipe adversária (MINOTTO, 2012). Borges (2007) destaca as vantagens e desvantagens da defesa individual. A mesma tem como vantagens definir responsabilidades de cada marcador, exigir do defensor correta execução do posicionamento de defesa, desenvolver capacidade de antecipação e de reação ao movimento, dificultar os passes curtos e longos, melhorar o número de roubos de bola. E ainda embasado neste autor, pode-se citar as desvantagens desta defesa que facilita o movimento de corte nas costas, há maior contato físico, portanto conseqüentemente mais faltas cometidas e exige uma boa preparação física.

É de grande importância que as sessões de treinamento sejam criteriosamente elaboradas pelos treinadores, uma vez que para que os jogadores executem as habilidades

motoras de uma forma eficiente é necessária uma rica base em conteúdos técnicos, experiência de jogo e tática de jogo (TAVARES, 1996), fazendo com que os treinadores tenham um maior controle sobre os níveis de preparação dos seus jogadores.

Apesar da defesa individual ter aparecido com maior evidência nos resultados, as defesas zonais (DSC24) também fazem parte do hall de sistemas que os treinadores abordam durante os treinamentos, o que se faz necessário entender as diferenças entre sistemas defensivos.

DSC24: “ Marcação por zona, principalmente no feminino porque as meninas não tem tanto chute de longa distância^{S1,S3,S4,S6,S7,S9}. As meninas lá são muito desniveladas e elas dormem muito na defesa, então a gente marca zona que cada uma marca seu pedacinho e ajuda o outro se levar corte e ai da mais certo^{S5}.”

Quando se diz respeito às defesas zonais: 2-3, 3-2, 1-3-1, 1-2-2 e 1-2-1-1 (pressão) é possível dizer que cada jogador é responsável por uma determinada área, sendo que nessa defesa o coletivo se mostra como o mais importante, tendo como objetivo fazer com que o adversário não realize arremessos próximos a cesta (SOUSA, 2007).

Segundo Minotto (2012) as vantagens para as defesas zonais são: facilita o rebote da defesa, facilita o contra-ataque, a equipe consegue organizar melhor à volta para a defesa pelos posicionamentos pré-determinados e dificulta a equipe atacante de jogar embaixo/próximo da cesta. Em contrapartida as desvantagens também são mostradas, como exemplo a facilidade da troca de passes, ficando favorável a arremessos de média e longa distância e assim necessitando que os jogadores tenham bom entrosamento para realizar as coberturas de forma correta e em função das distribuições dos defensores proporciona áreas vulneráveis.

Queiroz (1986) aponta que cabe ao treinador que durante as sessões de treinamento os exercícios selecionados atinjam melhor os objetivos definidos para que se tenha um melhor nível de rendimento, ou seja, a especificidade do treinamento é muito importante, pois está relacionada aqui com o modelo de jogo do treinador e não com questões fisiológicas (FRADE, 2004). Utilizando-se a especificidade faz com que se consiga atingir de uma maneira correta as potencialidades de um modelo de jogo para que assim as metas sejam alcançadas (FERRAZ, 2005).

Quando um modelo de jogo é criado há uma determinada organização que faz com que princípios sejam criados, ou seja, um corpo de ideais de como o jogo deve ser praticado é construído. Segundo Le Moigne (1990) para entendermos algo complexo precisamos modelá-

lo. Criar um modelo nada mais é do que identificar e formular alguns problemas para assim resolvê-los através da simulação (GARGANTA; PINTO, 1994).

Portanto é através da criação de um modelo que se criam simulações de aspectos pertinentes do ponto de vista adotado, fazendo com que um entendimento do jogo seja criado, constituindo um conjunto de referências ao nível do processo de treino e da competição (PINTO; GARGANTA, 1994).

Uma vez questionados sobre os sistemas defensivos, o ensino do retorno defensivo também foi explorado.

Os resultados apontam que os treinadores quando se diz respeito ao retorno defensivo esperam que os jogadores sejam rápidos, com bom condicionamento físico, tendo assim uma boa preparação física. Para que isso seja alcançado, mais uma vez os métodos de ensino situacional e global se fazem presentes nas sessões de treinamento, utilizando-se de jogos com superioridade e inferioridade numérica (DSC25).

DSC25: “ Através de situações de jogo, fazendo exercícios diversos de transição ataque-defesa, sempre simulando quem vai chutar pra ver quem vai fazer o balanço^{S2,S3,S5,S9,S10,S11}. A pessoa do lado oposto da bola ela vai pro rebote de ataque, as duas pivôs ficam no rebote e a outra que fica em cima já faz o balanço defensivo^{S1}.

Ensinar através de posicionamento^{S4}, durante os treinos eu vou criando situações para que eu possa ensinar durante o jogo mesmo, faço amistosos, pego pessoas que tenham essas características de transição para ir no treino^{S6,S7,S8}.

No mínimo sempre dois tem que começar a voltar para a defesa. Essa volta é feita pelo meio da quadra evitando deixar o caminho aberto para o adversário^{S12}.

Exercícios de 3 x 3, quadra toda, quem faz cesta tem que voltar e defender outro trio que estava na linha de fundo^{S13,S14}.”

Araújo (1996) mostra que a transição ataque-defesa em conjunto com a transição defesa-ataque constituem 60% do tempo do jogo, sendo assim devem merecer uma atenção correspondente durante as sessões de treinamento, fazendo com que a defesa evite o contra-ataque e force o adversário a adotar uma dinâmica de menor velocidade na fase ofensiva (XIQUEÉS, 2005), assim quando a posse de bola é perdida a construção defensiva tem que ser

feita de uma maneira rápida e agressiva, antecipando às ações do adversário, bem como contra-ataque e movimentos de transição, impedindo assim uma pontuação fácil (DUMAS, 2002).

Portanto para a eficácia dessa transição é necessária uma rápida recuperação de todos os jogadores de uma forma a ganhar posição defensiva ou equilíbrio defensivo com a colocação de pelo menos um atacante atrás da linha da bola, para que assim ele possa recuperar para a defesa o mais rápido possível (ARAUJO, 1996).

Tan *et al* (2012) apontam que os treinadores podem criar “mini jogos” que podem também proporcionar e promover problemas táticos a fim de desenvolverem nos jogadores as tomadas de decisão. Observa-se na fala dos treinadores que esses utilizam muito do uso de jogos adaptados em relação a número de jogadores, espaço de quadra, que enfatizam as relações de superioridade e inferioridade numérica como 2x1, 3x2, 4x1, 1x2, 2x3, refletindo acontecimentos do jogo formal como um contra-ataque na qual a defesa necessita tomar decisões rápidas para evitar a progressão da equipe adversária.

Jogo ofensivo

A partir dos discursos dos sujeitos também foi analisado e discutido questões a respeito da fase ofensiva do jogo. No quadro 6 estão representadas as IC referentes à questão: O que você espera que seus alunos devem fazer individualmente e coletivamente para que seu ataque seja eficaz na categoria?”.

Quadro 6: IC referentes aos conteúdos individuais e coletivos.

INDIVIDUAL	COLETIVO
Técnica (S1,S2,S3,S4,S7,S8,S9,S10,S11,S14,S15)	Leitura de jogo (S1,S2,S3,S4,S5,S6,S7,S8,S9,S10,S11,S12,S13,S14,S15)
Leitura de jogo (S1,S12,S13)	
Agressividade (S5,S6)	

É possível analisar que a partir dos discursos encontrados, os sujeitos priorizam individualmente a técnica do arremesso, as finalizações como um bom controle corporal na bandeja e um drible bem executado (DSC 26), juntamente com um ataque mais agressivo (DSC 27).

DSC26: “ Arremesso, a quebra da munheca, os dedos, o indicador e o médio, que a bola não pode encostar na palma da mão, a força na perna pra fazer um salto e a posição da bola em cima da cabeça ou sob o ombro e aí bandejinha, finalização, controle corporal na bandeja, pra não desequilibrar, não jogar com muita força^{S2}

Drible^{S3,S4,S7,S8} fazer um bom passe, um arremesso, saber fazer bandeja^{S4}. Aprender drible, manuseio da bola^{S9}, estar preparando pra servir um companheiro^{S10}, passe rápido^{S11}.Fundamento sem dúvida^{S14,S15}.”

DSC27: “Agressivos, eu acho que quando eles pegam a bola eles têm que querem ir pra cesta a todo o momento^{S5,S6}.”

Tanto individualmente quanto coletivamente, os treinadores apontam aspectos relacionados à leitura de jogo, ou seja, saber o seu posicionamento e do seu companheiro, conseguir jogar sem a bola procurando espaços vazios para um melhor posicionamento (DSC28).

DSC28: “Saber jogar com e sem a bola e boa visão (leitura de jogo)^{S1,S12,S13}.

Visão de jogo^{S1,S4,S9}, velocidade^{S2},drible^{S3,S14},rodar a bola e usar os 24segundos^{S5}, movimentação^{S6,S7,S8},comunicação^{S10,S13,S15}, posicionamento em quadra^{S11,S12}.”

Ao nível universitário, os jogadores com idade entre 17 a 20 anos correspondem nos campeonatos disputados pelas ligas às categorias juvenil e sub-21, portanto nesse momento deve-se ocorrer uma aproximação das cargas de treinamento com as da fase adulta. É durante essa fase que os treinadores mantêm os exercícios gerais para o treinamento da técnica, ou seja, aqueles que não possuem total semelhança com os principais gestos motores e que já foram treinados desde as fases anteriores, através de exercícios analíticos, jogos, entre outros. Porém

há um destaque para os exercícios que são parecidos com os executados nas competições, condicionando crescimento de resultados positivos.

Habilidade de controle do corpo pode ser definida como a capacidade de realizar movimentos e gestos específicos do basquetebol, que são exigidos pela dinâmica do jogo, ou seja, saídas rápidas, paradas bruscas, mudanças de direção, corridas, fintas, giros e saltos, preparando o jogador para movimentos exigidos pelo basquetebol (COUTINHO, 2001).

Exercícios específicos podem ser desenvolvidos no basquetebol por exemplo, associando os elementos dos sistemas táticos através dos jogos coletivos e das situações de jogo 1x1, 2x:3, 3x:3, 2x1, com inferioridade numérica tanto na defesa como no ataque e contra-ataque, para condicionar os atletas em situações reais de competição, que por sua vez, promovem as reais condições de jogo, nas quais os aspectos psico-fisiológicos são diretamente acionados. Somente com uma organização pedagógica planejada de treinamento dos conteúdos técnico-táticos pode ser possível aproximar níveis ótimos, quando os objetivos são os resultados superiores.

Portanto, após analisar os conteúdos mais relevantes para os treinadores, os métodos de ensino desses também foram exploradas, assim como estão representados no quadro 7.

Quadro 7: IC referentes aos métodos de ensino

INDIVIDUAL	COLETIVO
<p>Método analítico-sintético (S2,S4,S7,S8,S10,S11,S12,S13,S15)</p>	<p>Métodos situacional e global (S1,S2,S3,S4,S5,S6,S7,S8,S9,S10,S11,S12,S13,S14,S15)</p>
<p>Métodos situacional e global (S1,S3,S5,S6,S9,S13,S14)</p>	

O método analítico-sintético aparece com mais evidência no treinamento de habilidades técnicas segundo esses treinadores, que utilizam muito da repetição para o aperfeiçoamento do arremesso, drible, corte e recepção (DSC 29). Já os métodos de ensino ativos, aparecem quando os treinadores enfatizam mais a aproximação desses fundamentos à realidade do jogo, utilizando de exercícios que enfatizem o 2x2, 1x1,3x3,4x4 (DSC 30).

DSC29: “Eu costumo fazer bastante repetição de arremesso, é sempre assim, bastante repetição de bandeja, habilidade com bola, uma bola só, duas bolas, arremessos, acho que isso você trabalha com bastante repetição mesmo^{S2,S4,S7,S10,S11,S13,S15} .

Com a bola são: tríplice ameaça, drible, passe, pé de pivô, saídas (cruzada e aberta) finalizações próximas a cesta (bandeja e parada de 1 tempo ambos unilateral). Sem a bola: desmarcação, corte e recepção^{S8}. Bater bola sem olhar para a mesma, assim ele vai poder observar o que esta acontecendo ao seu redor, e também uma boa movimentação de bola, explorando os bloqueios (corta luz), pois é a base do basquete e a partir disse muitas variações podem ser realizadas^{S12}.”

DSC30: “Fazer alguns treinos de corte, de finta, de finta na jogada, algumas adaptações que você^{S1}, trabalho de duplas, de passar “homem a homem” pra você fazer essa passagem com maior habilidade possível^{S3}. Dar muito 1x1, porque elas ficam isoladas na quadra então elas que tem que definir^{S5}. 2x2 1x1 3x3x 4x4, sempre priorizando o ataque, uma hora com muito passe, arremesso, bandeja, corte individual, vou mesclando^{S6,S9,S13,S14} ”

Quando questionados a respeito dos métodos de ensino para os conteúdos coletivos, os sujeitos apontam os métodos de ensino global e situacional como mais prevalentes durante as sessões de treinamento, uma vez que utilizam de jogos reduzidos, trabalhando superioridade, igualdade e inferioridade numérica, sem especializar os jogadores em uma determinada posição (DSC 31).

DSC31: “Se é uma situação nova eu vou começando com jogos reduzidos, situações de alguma movimentação nova, também em 1x1,2x2, especificando também como vai ser feito e vou aumentando gradativamente por repetição até chegar no 5x5 em que aquela situação está completa. Então começo com jogos reduzidos e vou aumentando até situação de jogo 5x5^{S1,S2,S3,S4,S5,S6,S7,S8,S9,S13,S14}. Busco fazer com que todas passem por todas as posições durante os treinos para que assim, todos tenham a compreensão das jogadas como um todo e não apenas a

“sua parte”^{S12}. Solta um coletivo quadra inteira só pode passe de peito, conforme você vai repetindo você descobre onde foi errando^{S15}.

Segundo Bayer (1994) existem duas correntes pedagógicas de ensino: uma na qual visa os métodos tradicionais, fragmentando os elementos, fazendo com que a memorização e a repetição moldem a criança e o adolescente ao modelo adulto. Já a outra corrente, destaca os métodos ativos, favorecendo a criação de situações que adaptem os jogadores a imprevisibilidade, fazendo com que haja a cooperação com seus companheiros, integração ao coletivo, mostrando ao aprendiz as possibilidades de percepção das situações de jogo, interferindo diretamente na sua tomada de decisão.

Oliveira (2002) mostra uma proposta para o ensino dos jogos coletivos, tomando como referência a ideia do jogo no qual as situações de exercícios da técnica aparecem claramente nas situações táticas, simplificando o jogo formal para jogos reduzidos e relacionando situações de jogo com o jogo propriamente dito. Essa forma de jogo deve preservar a autenticidade e a autonomia dos praticantes, respeitando-se o jogo formal. Sendo assim, deve-se manter as estruturas específicas de cada modalidade; a finalização, a criação de oportunidades para o drible, passe, e lançamentos nas ações ofensivas. O posicionamento defensivo é generalizado e almeja-se dificultar a organização ofensiva dos adversários, principalmente nas interceptações dos passes, estabelecendo uma dinâmica entre as fases de defesa-transição-ataque. No que tange às capacidades físicas, é de suma importância o controle do tempo entre os exercícios e jogos, mantendo a intensidade das atividades motoras através de curtos intervalos, privilegiando a velocidade de reação e a coordenação de movimentos.

Santana (2016) em seu estudo mostra as Dinâmicas de Criação de Espaço, sendo que essas podem ser classificadas de acordo com o número de jogadores, a ação técnica utilizada e contexto da decisão observado. A partir desse contexto, sete classes ofensivas foram elaboradas: a) desmarque com bola com drible: ação individual onde o espaço é criado através do deslocamento com dribles pelo jogador com a bola; b) desmarque com bola sem drible: ação análoga à anterior, porém o jogador com a bola realiza fintas de movimento ao invés de dribles para criar espaço; c) desmarque sem bola: ação na qual o jogador sem a bola cria espaço através de ultrapassagem sobre o defensor ou afastamento em relação a este; d) bloqueio direto: um atacante se posiciona na trajetória do defensor do seu companheiro com bola, interrompendo o deslocamento deste defensor; e) isolamento no perímetro: semelhante a anterior, porém o atacante com a bola encontra-se na região do perímetro, afastado da cesta; f) bloqueio indireto: situação análoga ao bloqueio direto, porém os dois jogadores envolvidos no bloqueio não

possuem a bola. Após a ação de bloqueio um terceiro atacante com a bola realiza o passe caso haja um atacante livre de marcação; g) isolamento no poste: ação coletiva em que os companheiros do atacante com a bola permanecem estáticos na região do perímetro, de modo a criarem espaço para que o atacante realize ações de 1x1 próximo à cesta.

Os treinadores também foram questionados a respeito de quais sistemas ofensivos eles consideram mais importantes no âmbito universitário. Os resultados apontam que o individual, ou seja, 1x1 é o mais utilizado pelos treinadores, assim como representado no DSC 32.

DSC32: “ Individual^{S6,S11} e as movimentações sem bola^{S9}.

É aquele que você passa pra fazer o corta luz e fazendo trocas, onde fiquem atletas com maior condição de jogar um contra um, pra que ele passa ou bata pra dentro, invada o garrafão e faça o arremesso^{S3}

Gosto muito do trabalho com bloqueio, tanto o direto quanto o indireto, pois é consigo realizar muitas variações de jogadas e isso o deixa muito versátil^{S12}.”

Outros treinadores apontam que se deve trabalhar o sistema ofensivo que se encaixa melhor com as características das suas jogadoras (DSC 33).

DSC33: “ Eu acho que varia muito com a defesa^{S4,S7,S14,S15}.Na minha opinião não tem um sistema ofensivo mais importante, acho que cada equipe tem que se adequar nas suas características, se você tem meninas mais baixas, mais velozes, que vão se enquadrar melhor na transição, de corte e velocidade, que põe a bola pra fora, tem times que tem o chute melhor e aí vão rodar a bola pra sair um chute livre, fazer rotação do ataque, tem times mais lentos com meninas mais altas e aí a gente trabalha bastante o pick and roll com pivo girando para dentro, jogando em dupla.. eu acho que não tem um mais adequado ou mais eficiente, depende da equipe que você tem na mão, não existe um certo ou errado, existe você saber trabalhar as características do seu time^{S2}.

Em um estudo feito por Taxildaris *et al* (2001) foi identificado que os armadores de mais alto nível foram caracterizados pelo uso de ações mais complexas através de passes,

focando mais no caráter organizacional da equipe, enquanto que os armadores de demais níveis utilizam mais de drible e fintas.

De Rose Jr, Tavares e Gitti (2004) concluíram que os armadores têm um maior aproveitamento da linha de três pontos, lances-livres assistências e bolas recuperadas. Já os laterais têm uma maior participação nas tentativas de arremessos em geral e os pivôs são melhores nos rebotes, aproveitamento de arremessos de dois pontos e arremessos bloqueados. Okazaki *et al* (2004) também mostra que os armadores que utilizaram mais o drible perderam e recuperam mais bolas, os laterais são os que mais arremessam e os pivôs são os responsáveis pelo maior número de rebotes e arremessos a curta distância.

Ou seja, a partir das características que cada jogador apresenta na sua respectiva posição, os treinadores estabelecem um sistema ofensivo que seja mais eficiente a fim de conseguir resultados positivos.

Por fim, também mostram que o sistema 5 abertos também é utilizado (DSC 34).

DSC34: “ Cinco abertos, a armadora levando a bola, as pivôs no fundo e as laterais correndo aberto. A gente costuma jogar assim^{S5,S8,S10,S13} .”

Sobre os aspectos técnicos-táticos para o jogo de transição defesa-ataque, os treinadores apontam a velocidade e o rebote como os mais relevantes (DSC 35).

DSC35: “O bloqueio de rebote, primeira coisa que tem que acontecer, ou o bloqueio ou uma roubada de bola^{S2,S4,S5}. Troca de passe de bola com poucos dribles para que seja realizado o mais rápido possível^{S7}. Velocidade e boa ocupação de espaços^{S1,S2,S3,S6,S11,S12,S13,S15} .”

Greco (2003) aponta que a interação de conhecimentos técnico-táticos é apoiada pelo processo de tomada de decisão, sendo esse composto por capacidades específicas como percepção, seleção e codificação. Já o ensino dos aspectos técnicos propriamente ditos está relacionado com a automatização dos movimentos considerados ideais (GRECO, 1998).

E por fim, quando questionados a respeito do contra-ataque, os treinadores revelam que velocidade e passe são os aspectos mais priorizados (DSC 36), sendo ensinados através de métodos de ensino como o situacional e global (DSC 37) .

Daiuto (1983) caracteriza o contra-ataque como uma estratégia ofensiva em que uma equipe tenta progredir rapidamente com a bola, da defesa parar o ataque, para anotar os pontos antes que a defesa da equipe adversária se organize. Gerani *et al.* (2004) destacaram a efetividade dos contra-ataques no basquetebol de alto nível quando identificaram que 63% deles proporcionam cesta.

DSC36:” Transições eles devem ser muito bem treinadas, principalmente no cruzamento e no passe^{S3,S4,S6,S7,S9,S11,S14}. Quanto mais rápido e com mais qualidade for mais fácil você faz uma cesta, porque você tem vantagem numérica^{S1}. Velocidade e cesta fácil^{S2,S5,S8,S10,S11,S12,S13,S15}. Buscamos tentar levar a bola para o ataque pelos corredores laterais o mais rápido possível e os atletas que estão chegando no ataque que estão atrás da linha da bola vão entrar pelo corredor central da quadra pedindo a bola (*trailer*)^{S8}.

DSC37: “ Nos treinamentos buscamos passar o contexto geral de um contra-ataque e depois vamos cortando nas formas de 2x0, 3x0, 4x0 e assim sucessivamente até inserimos defesa em desvantagem numérica 2x1, 3x2 e etc^{S8}. Pode fazer um 3x2; 2x1 no treinamento^{S1,S2}. É feito muito o oito em dupla^{S3}, importante trocar 2 passes no máximo (mais que isso já deixa de ser contra-ataque) e uma opção é colocar defesa também, nesse caso por exemplo pode sair 3 contra-atacando saindo de uma linha de fundo e uma defendendo (colocando situações sempre com o ataque em superioridade numérica: 3x1, 3x2, 2x1)^{S4,S5,S6,S7,S8,S9,S10,S11,S13,S14,S15}. Essa saída de bola procura fazer pelas laterais da quadra, pois percebo que a grande maioria das equipes fazem o balanço defensivo pelo meio da quadra. As finalizações podem vir através de bandejas ou pelos “*Trailers*” dos pivôs vindos para o ataque^{S12}.

Nessa forma de ensino-aprendizagem, a técnica (habilidade motora) estará sendo desenvolvida em situações que acontecem na maior parte do tempo nos jogos coletivos. Isso nos faz crer que a assimilação por parte dos alunos/atletas seja beneficiada, e, posteriormente, a prática constante poderá predispor a especialização dos gestos motores que permanecerão para o resto da vida.

Paes (2001) define o contra-ataque "como a passagem da ação defensiva para a ação ofensiva". A evolução técnica e tática e as mudanças nas regras do jogo transformaram a transição ou contra-ataque em objeto de estudo de várias escolas esportivas em todo o mundo. Assim, deve-se dar atenção especial aos aspectos fundamentais que envolvem o treinamento da transição ao ensinar esportes para adolescentes, pois estes aspectos, desenvolvidos com vantagem e desvantagem numérica, podem aperfeiçoar em reais situações de jogo a técnica, a tática, o físico e o psicológico dos alunos/atletas na busca da maestria, ou seja, da autonomia e do conhecimento teórico e prático sobre o contexto dos jogos.

Em relação às habilidades motoras, a fase de automatização e refinamento enfatiza a prática do que foi aprendido e acrescenta às situações de jogo, transição (contra-ataque) e sistemas táticos de defesa e ataque, os quais, aliados à técnica, visam ao aperfeiçoamento das condições gerais da formação do atleta, na qual os conteúdos de ensino equilibram-se entre exercícios e jogos com o objetivo de ensinar habilidades "técnicas específicas", que são o modo de fazer aliado à "tática específica", a razão de fazer.

Segundo Frade (2004) nada no treinamento surge por acaso, as características dos exercícios em si devem estar interligadas e relacionadas com os princípios dos jogos, fazendo assim com que surja uma estruturação coerente do jogo coletivo, portanto cada treinador deve fazer uso do seu princípio de especificidade preconizando o modelo de jogo estabelecido (FERRAZ, 2005). Portanto partindo do fato que os resultados encontrados nessa pesquisa mostram que os treinadores de basquetebol feminino universitário acreditam que a graduação não é suficiente para adquirir todo o conhecimento para ser um treinador esportivo, uma vez que nos discursos eles apresentam que a graduação é generalista, com pouco contato com a realidade profissional, fazendo com que seja necessária a busca do conhecimento em outras formas e meios. Hoje, a diversidade de formações iniciais como treinadores são diversas, no que diz respeito às linhas orientadoras, às estruturas institucionais, logística, pré-requisitos, extensão de currículos, modelos e estratégias de formação e avaliação (MESQUITA; ROSADO, 2007), fazendo com que quando questionados à respeito dos métodos de ensino-aprendizagem abordados nas sessões de treinamento, haja respostas distintas, pois parte-se do pressuposto que cada treinador a partir do seu processo reflexivo crie soluções ou novas estratégias para as resoluções de problemas práticos encontrados no cotidiano do treinamento.

CONCLUSÃO

Tendo em vista o objetivo de entender o processo de formação dos treinadores universitários e como os métodos de ensino-aprendizagem são inseridos nas sessões de treinamento, os resultados permitem concluir que os treinadores julgam a graduação generalista, não sendo suficiente para adquirir os conteúdos necessários para a função de treinador, indo ao encontro dos achados de Milistetd et al. (2015) e Lemyre, Trudel e Durand-Bush (2007). Uma vez que o processo de formação dos treinadores ocorre de forma individual e contínua, sendo a partir da internalização de informações externas ocorridas de experiências ao longo da vida, é possível concluir com os resultados apontados que o desenvolvimento profissional começa antes mesmo do seu ingresso à vida universitária e se prolongará ao longo da carreira.

É necessário que o estudante seja o centro do processo de aprendizagem, levando em conta os seus interesses para que haja um direcionamento do conhecimento profissional, sendo oferecidos conteúdos relevantes ao longo do curso de Educação Física fazendo com que esse organize seu conhecimento prévio.

Conclui-se que os meios de aquisição de conhecimento mais utilizados pelos treinadores são: cursos, conversa com outros treinadores mais experientes, assistindo a jogos e artigos científicos. Ligas de basquetebol e a Federação Paulista de Basketball não oferecem suporte para ajudar no processo de formação, segundo os treinadores. As soluções então que encontram para sanar os problemas que se deparam no dia a dia como treinador, são soluções não formais ou informais.

Diante dos resultados encontrados também é evidente que o jogo pode ser um facilitador pedagógico no processo de ensino-aprendizagem, uma vez que há uma pluralidade das situações de jogo fazendo com que a formação dos jogadores seja ampla em vários aspectos como uma boa tomada de decisão tendo base a percepção das ações, sejam elas ofensivas, defensivas, de transição, dos próprios companheiros ou dos adversários. Sendo assim é importante que o método de ensino contemple a aleatoriedade dos eventos criados e a imprevisibilidade das ações a partir das situações-problema.

Por fim, essa pesquisa tem como importância reconhecer o panorama de formação de treinadores de basquetebol, a partir de uma revisão sistemática realizada, levantando algumas lacunas de estudos ao longo dos anos. Como limitação do estudo tem-se que os resultados encontrados são referentes ao contexto dos treinadores universitários, sendo assim é possível

que essa realidade não seja reproduzida em outros contextos, mas é possível que exista características semelhantes à estas encontradas.

REFERÊNCIAS

ALBA, G.; TOIGO, T.; BARCELLOS, P. Percepção de atletas profissionais de basquetebol sobre o estilo de liderança do técnico. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, v. 32, n. 1, p. 143-159, 2010.

ALCARAZ, S.; TORREGROSA, M.; VILADRICH, C. El lado oscuro de entrenar: influencia del contexto deportivo sobre la experiencia negativa de entrenadores de baloncesto. **Revista de Psicología del Deporte.**, v. 24, n. 1, p. 71-78, 2015.

AMBLARD, I; CRUZ, F.L. Sentido de vitória/derrota para os país segundo atletas do alto rendimento. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v.35, n.3, p.643-658, 2015.

ANTUNES, S; SAMPAIO, J. O ensino do basquetebol através do conhecimento tático*. Disponível:<<https://docplayer.com.br/8654533-O-ensino-do-basquetebol-atraves-do-conhecimento-tactico.html>> Acesso em: 26 de fevereiro de 2019.

ARAÚJO, J. Atitude Profissional do Treinador. **Revista Treino Desportivo**, supl., p.3-10, nov.1997.

ARIOSI, L. M.; MENEZES, R. P. O processo de ensino-aprendizagem-treinamento defensivo na opinião de treinadores de basquetebol da categoria sub-13. **Pensar a prática**, Goiânia, v.19, n.4, 2016.

BARROS, T. E. S.; SIMAS, L. E.; BRASIL, V. Z.; RAMOS, V. Aprendizagem profissional: histórias de treinadores de futebol. **R. Min. Educa. Fís**, Viçosa, n.9, p.926-931, 2013.

BARROSO, M. et al. Motivos de prática de esportes coletivos universitários em Santa Catarina. VI Fórum Internacional de Esportes. Florianópolis: Unesportes: 11.1-11.9 p. 2007.

BAYER, C. **O ensino dos desportos colectivos**. Lisboa: Dinalivros, 1994.

BECKER, A.; WRISBERG, C. Effective coaching in action: observations of legendary collegiate basketball coach pat summit. **The Sport Psychologist**, v. 22, n. 2, p. 197-211, 2008.

BEKIARI, A.; GERODIMOS, V. Verbal aggression in basketball: perceived coach use athlete intrinsic and extrinsic motivation. **Journal of Physical Education and Sport.**, v. 15, n. 1, p. 96-102, 2015.

BENNIE, A. A guide to conducting systematic reviews of coaching Science research. **International Sport Coaching Journal**, v. 4, n. 2, p. 191-205, 2017.

BONI, V.; QUARESMA, S.J. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. Em Tese: **Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC**, v.2, n.1(3), p.68-80, 2005.

BORGES, N. N. F. M. **O Jogo e a Formação do Jogador: proposta de modelo evolutivo de construção da defesa**. 2007, 109f. Monografia Faculdade de Desporto da Universidade do Porto.

BRASIL, Ministério da Saúde. **Diretrizes metodológicas: elaboração de revisão sistemática de ensaios clínicos randomizados**. Secretaria de Ciência, Tecnologia e Insumos Estratégicos, Brasília, 2012.

BRASIL. Lei nº 9.696, de 1 de setembro de 1998. Dispõe sobre a regulamentação da Profissão de Educação Física e cria os respectivos Conselho Federal e Conselhos Regionais de Educação Física. Diário Oficial da República Federativa do Brasil, Brasília, DF, 2 set. 1998. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19696.htm

CADENAS, E.; CÁRDENAS, D.; DELGADO, G. The hidden cost of coaching: intentional training of shot adequacy discrimination in basketball hampers utilization of informative incidental cues. Perceptual and Motor Skills: **Motor Skills and Ergonomics**, v. 120, n. 1, p. 139-158, 2015.

CAÑADAS, M. et al. Estudio de las fases de juego a través del análisis de entrenamiento deportivo em categoria minibasket. **Cuadernos de Psicología del Deporte**, v. 12, n. 2, p. 73-82, 2012.

CAÑADAS, M. et al. Relationship between the pedagogical variables of coaching a mini-basketball team. **Revista de Psicología del Deporte**, v. 18, n. 3, p. 319-323, 2009.

CAÑADAS, M.; IBÁÑEZ, S. J.; GARCÍA, J.; PAREJO, I.; FEU, S. Las situaciones de juego en el entrenamiento de baloncesto en categorías base. **Revista Internacional de Medicina y Ciencias de la Actividad Física y del Deporte**, Madrid, v.13, n.49, p.41-54, 2013.

CAÑADAS, M.; IBÁÑEZ, S.; LEITE, N. A novice coach's planning of the technical and tactical content of youth basketball training: a case study. **International Journal of Performance Analysis in Sport**, v. 15, n. 2, p. 572-587, 2015.

CAÑADAS, M.; GODOY, S. La planificación de los contenidos de entrenamiento de baloncesto en equipos de iniciación. **Revista de Ciencias del Deporte**, v. 6, n. 1, p. 49-65, 2010.

CARVALHO, H. et al. Influence of coaches on sources of enjoyment in youth basketball. **Revista de Psicología del Deporte**, v. 26, p. 143-148, 2017.

CASTRO, D. A concepção estratégico-tática no handebol: implicações para a formação de jogadores inteligentes. 2013. 174f. Dissertação (Mestrado em Educação Física) - Faculdade de Educação Física. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2013.

CAVICHIOILLI, F.R. et al. O processo de formação do atleta de futsal e futebol: análise etnográfica. **Revista Brasileira de Educação Física e Esporte**, v.25, n.4, p.631-47, 2011.

CONDE, C. et al. Intervention and evaluation of the motivational climate transmitted by a basketball coach. **Revista de Psicología del Deporte**, v. 18, n. 3, p. 357-361, 2009.

CONDE, C. et al. Evaluación e influencia de um programa de formação orientado a la mejora del clima motivacional transmitido por entrenadores de baloncesto. **Motricidad. European Journal of Human Movement**, v. 25, p. 165-182, 2010.

COUTINHO, N. F. **Basquetebol: na escola**. Rio de Janeiro: Sprint, 2001.

CUNHA, A. F. V. P.; ESTRIGA, M. L. D.; BATISTA, P. M. F. Fontes de conhecimento percebidas pelos treinadores: estudo com treinadores de handebol da 1ª divisão de seniores masculinos em Portugal. *Movimento*, v.20, n.3, p.917-940, 2014.

CUNHA, A. et al. O bom treinador: representações das características dos treinadores segundo atletas da modalidade desportiva coletiva futebol. **Revista Horizonte**, v.16, n.81, p.27-33, 2000.

CUNHA, L.D. **Trajetórias de aprendizagens de treinadores de basquetebol atuantes nas instituições de esporte em Franca-SP**. Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Dissertação de Mestrado, 2017, 155 págs.

- DAIUTO, M. **Basquetebol: metodologia de ensino**. 5ª ed. São Paulo: Brasipal;1983.
- DANTAS, E. H. M. **A Prática da preparação física**. 5. ed. Rio de Janeiro: Shape, 2003.
- DOUNE, O. S. M. **Handbook of physical education**. London: Sage, p. 516-539, 2006.
- DUMAS, R. Les apprentissages défensifs des équipes de jeunes. *Pivot* 105, p.18-24, 2002.
- EGERLAND, E. M.; NASCIMENTO, J. V.; BOTH, J. As competências profissionais de treinadores esportivos catarinenses. **Motriz**, v.15, n.4, p.890-899, 2009.
- EVANS, B.; FITZGERALD, R. You gotta see both at the same time': visually analyzing player performances in basketball coaching. **Human Studies**, v. 40, n. 1, p. 121-144, 2017.
- FERNANDEZ-RIOS, L.; BUELA-CASAL, G. Standards for the preparation and writing of Psychology review articles. **International Journal of Clinical and Health Psychology**, v.9, n.2, p.329-344, 2009.
- FERRAZ, R. M. P.. **A “intervenção específica” como aspecto fundamental na interação treinador-exercício-jogador**. Porto: Universidade do Porto, 2005.
- FERREIRA, A, DE ROSE, J. D. **Basquetebol, técnicas e táticas: uma abordagem didático-pedagógica**. 2ª ed. São Paulo: EPU; 2003.
- FERREIRA, A. E. X.; DE ROSE, J. D. **Basquetebol: técnicas e táticas : uma abordagem didático-pedagógica**. São Paulo: E.P.U.: Editora Pedagógica e Universitária da USP, 2003.
- FEU, S. et al. Education strategies for the acquisition of professional knowledge by youth basketball coaches. **Revista de Psicología del Deporte**, v. 18, n. 3, p. 325-329, 2009.
- FRADE, V. Notas de curso de metodologia do futebol, Porto: FCDEF-UP, 2004
- FRANSEN, K. et al. The power of competence support: the impact of coaches and athlete leaders on intrinsic motivation and performance. **Scandinavian Journal of Sports Medicine**, v. 28, n. 2, p. 725-745, 2017.

GALATTI et al. Pedagogia do esporte: tensão na ciência e o ensino dos jogos esportivos coletivos. **Revista da Educação Física/UEM**, v.25, n.1, 2014.

GALATTI, L. R.; PAES, R. R.; MACHADO, G. V.; GOLÇALVES, C. E. B.; SEOANE, A. M. Determinantes de excelência no basquetebol feminino: as conquistas da seleção brasileira na perspectiva das atletas. **Revista Educação Física/UEM**, v.26, n.4, p. 621-632, 2015.

GALATTI, L.R. et al. Coaches' perceptions of youth players' development in a professional soccer club in Brazil: paradoxes between the game and those who play. **Sports Coaching Review**, v.5, n.2, p.174-185, 2016.

GALATTI, L.R.; PAES, R.R. Pedagogia do esporte e a aplicação das teorias acerca dos jogos esportivos coletivos em escolas de esportes: o caso de um clube privado de Campinas – SP. **Conexões**, v.5, n.2, p.31-44, 2007.

GALLAHUE, D. L.; OSMUN, J. C. Understanding Motor development: Infants, Children, Adolescents, Adults, Dubuque: **BROWN & BENCHMARK PUBLISHERS**, p.570, 1995.

GALVÃO, T. F.; PANSANI, T. S. A.; HARRAD, D. Principais itens para relatar Revisões sistemáticas e Meta-análises: A recomendação PRISMA. **Epidemiologia e Serviços de Saúde**, Brasília, v. 24, n. 2, p. 335-342, 2015.

GALVÃO, T. F.; PEREIRA, M. G. Revisões sistemáticas da literatura: passos para sua elaboração. **Epidemiol. Serv. Saúde**, Brasília, v.23, n.1, p.183-184, 2014.

GARGANTA, J. Trends of tactical performance analysis in team sports: bridging the gap between research, training and competition. **Revista Portuguesa de Ciências do Desporto**, v.9, n.1, p.81-89, 2009.

GARGANTA, J; PINTO, J. O ensino do futebol. **In O ensino dos jogos desportivos: 97-137**. A. Graça & J. Oliveira (eds). Centro de Estudos dos Jogos Desportivos. FCDED-UP, 1994

GERANI, H.; MEXAS, K.; GAREFI, A.; TSITSKARIS, G. **The effectiveness of fast breaks in high-level basketball**. Congresso Pré-Olímpico, 2004.

GILBERT, W.; TRUDEL, P. Analysis of coaching science research published from 1970-2001. **Research Quarterly for Exercise and Sport**, Washington v.75, n.4, p.388-399, 2004.

GÓMEZ, M. et al. Effects of coaches' timeouts on basketball teams' offensive and defensive performances according to momentary differences in score and game period. **European Journal of Sport Science**, v. 11, n. 5, p. 303-308, 2011.

GONÇALVES, C. E.; COELHO, M. J. S.; CRUZ, J.; FIGUEIREDO, A. Efeito da experiência do treinador sobre o ambiente motivacional e pedagógico no treino de jovens. **Rev. bras. Educ. Fís. Esporte**, São Paulo, v.24, n.1, p.15-26, 2010.

GRECO, P. J. (2001). **Métodos de ensino-aprendizagem-treinamento nos jogos esportivos coletivos**. In *Temas Atuais VI em Educação Física e Esportes*, 2001.

GRECO, P.J. **Iniciação esportiva universal: metodologia da iniciação esportiva na escola e no clube**. Belo Horizonte: UFMG; 1998.

GRECO, P. J. Processos Cognitivos: dependência e interação nos Jogos Esportivos Coletivos. In: GARCIA, E.; LEMOS, K. (Orgs.). *Temas atuais VIII em educação física e esportes*. Belo Horizonte: Health, 2003. p.73-84.

GUERRINHA. **Basquete: aprendendo a jogar**. Bauru: Idea; 2001.

GUTIÉRREZ, C. et al. Elementos comunicativos en entrenadores de baloncesto en diferentes categorías. Un estudio de casos. **Cultura Ciencia y Deporte**, v. 6, n. 18, p. 199-206, 2011.

HIGGINS, J.; GREEN, S. **Cochrane handbook for systematic reviews of interventions**. West Sussex: John Wiley & Sons Ltd, 2008.

HUSEINAGIĆ, E.; ADNAN, H. Basketball coaches as leaders. **Sport Scientific & Practical Aspects**, v. 6, p. 48-55, 2009.

JIMÉNEZ, S.; BORRÁS, P.; GÓMEZ, M. Sport commitment in high performance basketball coaches. **Revista de Psicología del Deporte**, v. 18, n. 3, p. 303-307, 2009.

JIMÉNEZ, S.; LORENZO, A.; GÓMEZ, M. Medios de formación de los entrenadores expertos em baloncesto. **Cultura, Ciencia y Deporte**, v. 4, n. 11, p. 119-125, 2009.

JIMÉNEZ, S.; LORENZO, A.; GÓMEZ, M.A. Medios de formación de los entrenadores expertos em baloncesto. **CCD**, v.4, n.11, p.119-125, 2009.

JONES, R. L. (Ed.). **The sports coach as educator: re-conceptualising sports coaching**. Routledge, 2006.

JONES, R. L.; MORGAN, K.; HARRIS, K. Developing coaching pedagogy: seeking a better integration of theory and practice. **Sport, Education and Society**, v.17, n.3, p.313-329, 2011.

JONES, R. L.; THOMAS, G.L. Coaching as ‘scaffolded’ practice: further insights into sport pedagogy. **Sports Coaching Review**, v.4, n.2, p.65-79, 2015

JOSGRILBERG, T. A formação e prática pedagógica dos treinadores de basquetebol masculino do Rio de Janeiro: aprendizagem e treinamento dos sistemas defensivos. **Fitness & Performance Journal**, v. 7, n. 6, p. 386-392, 2008.

KOH, K. et al. An investigation of a formalized mentoring program for novice basketball coaches. **International Journal of Sport Psychology**, v. 45, n. 1, p. 11-32, 2014.

KOH, K.; HO, X.; KOH, Y. The developmental experiences of basketball mentor coaches. **International Journal of Sports Science & Coaching**, v. 12, n. 4, p. 520-531, 2017.

KOH, K.; MALLETT, C.; CKJ., W. Examining the Ecological Validity of the Coaching Behavior Scale (Sports) for Basketball. **Internacional Journal of Sports Science & Coaching**., v. 4, n. 2, p. 261-272, 2009.

KOSTOPOULOS, N. Requiring competencies of basketball coaches in Greece. **Biology of Exercise**, v. 7, n. 1, p. 41-47, 2011.

LE MOIGNE, J. L. **La modélisation des systèmes complexes**. Paris: Bordas, 1990.

LEFÈVRE, F.; LEFÈVRE, A. M. C. **Discurso do sujeito coletivo: um novo enfoque em pesquisa qualitativa**. 1.ed. Caxias do Sul: EDUCS, 2003.

LEFÈVRE, F.; LEFÈVRE, A. M. C. **Pesquisa de representação social: um enfoque qualiquantitativo**. 2.ed. Brasília: Liber Livro Editora, 2012.

LEITE, N. et al. Los contenidos de entrenamiento em baloncesto em función de las etapas de preparación deportiva a largo plazo. **Revista de Psicología del Deporte**, v. 20, n. 2, p. 287-303, 2011.

LEITE, N. et al. Coaches perceived importance of drills items in basketball players long-term development. **Revista de Psicología del Deporte**, v. 18, p. 457-461, 2009.

LEITE, N.; COELHO, E.; SAMPAIO, J. Assessing the importance given by basketball coaches to training contents. **Journal of Human Kinetics**, v. 30, p. 123-133, 2011.

LEMYRE, F.; TRUDEL, P.; DURAND-BUSH, N. How youth-sport coaches learn to coach. **The Sport Psychologist**, v.21, p.191-209, 2007.

LEO, F. et al. Influence of the motivacional climate created by coach in the sport commitment in youth basketball players. **Revista de Psicología del Deporte**, v. 18, n. 3, p. 375-378, 2009.

LOVATTO, L. D.; GALATTI, L. R. Pedagogia do Esporte e Jogos Esportivos Coletivos: das Teorias Gerais para a Iniciação Esportiva em Basquetebol. **Movimento e Percepção**, v.8, n.11, 2007.

LORENZO, J. et al. The analysis of the basketball coach speech during the moments of game and pause in relation to the performance in competition. **Revista de Psicología del Deporte**, v. 22, n. 1, p. 227-230, 2013.

MACDONALD, D.; O'SULLIVAN, M. **Handbook of Physical Education**. London:Sage, 2006. p. 516-539.

MAGNUSEN, M. Differences in strength and conditioning coach self-perception of leadership style behaviors at the national basketball association, division I-A and Division II levels. **Journal of Strength and Conditioning Research**, v. 24, n. 6, p. 1440-1450, 2010.

MARCONI, M. A.; LAKATOS, E. M. **Metodologia científica**. 6.ed. São Paulo: Editora Atlas, 2011.

MARQUES, A.T. **As profissões do corpo: o treinador**. **Treinamento Desportivo**, v.5, n.1, p.4-8, jun. 2000.

MARQUES, R. F. R.; NUNOMURA, M. ; MENEZES, R. P. Sports coaching science in Brazil. **Sports Coaching Review**, v.5, n.2, p.132-137, 2016.

MARTÍNEZ-SANTOS, R.; ARCOS, A.; SAUTU, L. Factors of disagreement between coacher and players of a high-level basketball team when assessing individual session perceived exertions. **Revista de Psicología del Deporte**, v. 24, n. 3, p. 69-72, 2015.

MATIAS, C. J. A. S.; GRECO, P. J. Cognição e ação nos jogos esportivos coletivos. **Ciência & Cognição**, Rio de Janeiro, v.15, n.1, p.252-271, 2010.

MEINBERG, E. Training: a special form of teaching. **Revista Portuguesa de Ciências do Desporto**, v.2 n.4, p.115-123, 2002.

MEMMERT, D.; HARVEY, S. Identification of non-specific tactical tasks in invasion games. **Physical Education and Sport Pedagogy**, London, v.15, n.3, p.287-305, 2010.

MENEZES, R. P. Contribuições da concepção dos fenômenos complexos para o ensino dos esportes coletivos. **Motriz**, Rio Claro, v.18, n.1, p.34-41, 2012.

MENEZES, R. P. Contribuições da concepção dos fenômenos complexos para o ensino dos esportes coletivos. **Motriz**, Rio Claro, v.18, n.1, p.34-41, 2012.

MENEZES, R. P. Das situações do jogo ao ensino das fixações no handebol. **Motriz**, Rio Claro, v.17, n.1, p.39-47, 2011.

MENEZES, R. P.; MARQUES, R. F. R.; NUNOMURA, M. O ensino do handebol na categoria infantil a partir dos discursos de treinadores experientes. **Movimento**, Porto Alegre, v.21, n.2, p.463-477, 2014.

MENEZES, R. P.; SOUSA, M. S. S.; BRAGA, J. W. C. Processo de ensino-aprendizagem-treinamento de handebol para a categoria mirim em instituições não formais de ensino: concepções e metodologia. **Conexões**, Ceará, v.9, n.2, p.49-69, 2011.

MENEZES, R.P. et al. Influence of normative institutions of handball for coaches' learning: Standpoint of São Paulo state coaches. E-balonmano. com: **Revista de Ciencias del Deporte**, v.13, n.3, p.183-190, 2017.

MENONCIN, W. J. **Estudos dos fatores que levam os jovens ao abandono do basquetebol competitivo em Curitiba.** [dissertação]. Florianópolis: UFSC; 2003.

MESEGUER, M.; ORTEGA, E. Valoracion de la autoeficacia percibida en baloncesto: diferencias entre el entrenador y los jugadores. **Revista Iberoamericana de Psicología del Ejercicio y el Deporte**, v. 4, n. 2, p. 271-288, 2009.

MILISTETD, M. et al. Coaching and coach education in Brazil. **International Sport Coaching Journal**, v.1, n.1, p.165-172, 2014.

MILISTETD, M.; DUARTE, T.; RAMOS, V.; MESQUITA, I.; NASCIMENTO, J. A aprendizagem de treinadores esportivos: desafios da formação inicial universitária em educação física. **Pensar a Prática**, Goiânia, v.18, n.4, 2015.

MILISTETD, M.; MESQUITA, I.; NASCIMENTO, J.; SOUZA SOBRINHO, A. Concepção de treinadores “experts” brasileiros sobre o processo de formação desportiva do jogador de voleibol. **Revista brasileira Educação Física Esporte**, São Paulo, v.24, n.1, p.79-93, 2010.

MINOTTO, L. S. **Defesas do basquetebol feminino na Olesc 2012: refletindo sobre os dogmas consagrados.** 2012. Trabalho de Conclusão de Curso (Educação Física) - Universidade do Extremo Sul Catarinense UNESC, 2012.

MODOLO, F. **A formação esportiva do goleiro de handebol: características apontadas pelos treinadores da categoria sub-16.** 2017. (Mestrado em Educação Física e Esporte). Escola de Educação Física e Esporte de Ribeirão Preto, Universidade de São Paulo, Ribeirão Preto.

MORA, A.; CRUZ, J.; TORREGROSA, M. Effects of a training program in communication styles of basketball coaches. **Revista de Psicología del Deporte**, v. 18, n. 3, p. 299-302, 2009.

MORENO, P. M.; DEL VILLAR, F. **El entrenador deportivo: manual práctico para su desarrollo y formación.** Barcelona: Inde, 2004.

MUSA, V. et al. Representações dos treinadores sobre o papel das instituições reguladoras do handebol para a sua formação. **Revista Portuguesa de Ciências do Desporto.**, v. 17, p. 298-306, 2017.

NELSON, L. J.; CUSHION, C. J.; POTRAC, P. Formal, nonformal, and informal coach learning: a holistic conceptualisation. **International Journal of Sports Science & Coaching**, v.1, n.3. p.247-259, 2006.

NELSON, L.J. **Understanding coach learning. Loughborough University, School of Sports and Exercise Sciences**. Tese de Doutorado, 2010, 215 págs.

O'HANLON, Simon Peter. **Curso de basquetebol contemporâneo**. Belo Horizonte: [s. n.], 1977.

OLIVA, F. et al. Análisis de la documentación para la formación de entrenadores de base em baloncesto. **Revista Internacional de Medicina y Ciencias de la Actividad Física y el Deporte**, v. 11, n. 42, p. 255-277, 2011.

OLIVER, D.; SEROVICH, J.; MASON, T. Constrains and opportunities with interview transcription: towards reflection in qualitative research. **Social Forces**, v.84, n.2, p.1273-1289, 2005.

OLIVERIA, V. **O processo de ensino dos jogos desportivos coletivos: um estudo acerca do basquetebol**. 2002 (Mestrado em Educação Física). Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas.

PAES, R. R. **Educação física escolar: o esporte como conteúdo pedagógico no ensino fundamental**. Canoas: Ed. ULBRA, 2001.

PÉREZ, B.; ROMERO, J.; GARCÍA, M. Análises de las conductas de los entrenadores después del tiro em baloncesto. **Cuadernos de Psicología del Deporte**, v. 15, n. 3, p. 205-210, 2015.

PÉREZ, B.; SEOANE, A. Influencia de un programa de intervención en las conductas de los entrenadores de baloncesto em categorías de formación. **Cuadernos de Psicología del Deporte**, v. 15, n. 3, p. 219-226, 2015.

PÉREZ, B.; SEOANE, A.; GARCÍA, M. **Differences between perceived and registered behavior of basketball coaches after shot**. SAGE Open, p. 1-7, 2015.

PIERCE, D. et al. Who should we hire? Examining coaching succession in NCAA division I women's basketball. **International Journal of Sports Science & Coaching**, v. 12, n. 2, p. 151-161, 2017.

PRIETO, J.; GÓMEZ, M.; SAMPAIO, J. A bibliometric review of the scientific production in handball. **Cuadernos de Psicología del Deporte**, v. 15, n. 3, p. 145-154, 2015.

QUEIROZ, Carlos Manuel. **Estrutura e organização dos exercícios de treino no futebol**. Lisboa: Federação Portuguesa de Futebol, 1986.

RAMOS, V. et al. A aprendizagem profissional - as representações de treinadores desportivos de jovens: quatro estudos de caso. **Motriz**, Rio Claro, v.17, n.2, p.280-291, 2011.

RAMOS, V.; NASCIMENTO, J.; GRAÇA, A. Análise do processo de instrução no treino de jovens: um estudo de caso no basquetebol. **Revista Portuguesa de Ciências do Desporto**, v. 9, n. 1, p. 52-63, 2009.

REIS, C. P. **Defesa do Basquetebol**: uma abordagem técnica, tática e Proposta de Modelo Evolutivo de Construção de Defesa. Disponível em:<http://repositorio-aberto.up.pt/bitstream/10216/14705/2/6863.pdf>. Acesso em 23 de fevereiro de 2019.

REVERDITO, R. S.; SCAGLIA, A. J.; PAES, R. R. Pedagogia do esporte: panorama e análise conceitual das principais abordagens. **Motriz**, Rio Claro, v.15, n.3, p. 600-610, 2009.

RICCI, G.S. *et al.* Avaliação da aprendizagem do handebol por jovens entre 11 e 14 anos a partir do método situacional. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 14, n. 1, p. 1-18, 2011.

RODRIGUES, H. et al. As fontes de conhecimento dos treinadores de jovens atletas de basquetebol. **Motrivivência**, v. 29, n. 51, p. 100-118, 2017.

RODRIGUES, H.; PAES, R.; SOUZA NETO, S. A socialização profissional do treinador esportivo como um processo formativo de aquisição de saberes. **Movimento**, Porto Alegre, v.22, n.2, p.509-521, 2016.

RODRIGUES, J. et al. Importance awarded to knowledge for coaching and self-perception competence manifested by Portuguese basketball coaches. **Revista de Psicología del Deporte**, v. 18, p. 451-455, 2009.

SAAVEDRA, S.; MUKERJEE, S.; BAGROW, J. Is coaching experiênciã associated with effective use of timeouts in basketball? **Scientific Reports**, v. 2, p. 1-3, 2012.

SAIZ, S. et al. Factores que favorecen el desarrollo de la pericia em entrenadores expertos em baloncesto. **Cultura, Ciencia y Deporte**, v. 2, n. 6, p. 145-149, 2007.

SAIZ, S.; CALVO, A. El mentoring como médio formativo em la educacion del entrenador de baloncesto. **Revista Internacional de Ciencias del Deporte**, v. 5, n. 15, p. 36-45, 2009.

SAIZ, S.; CALVO, A. Estrategias de formación em los entrenadores expertos de baloncesto. **Cultura, Ciencia y Deporte**, v. 3, n. 8, p. 117-122, 2008.

SÁIZ, S.; CALVO, A.; GODOY, S. Development of expertise in Spanish elite basketball coaches. **Revista Internacional de Ciencias del Deporte**, v. 17, n. 5, p. 19-32, 2009.

SÁNCHEZ, J. et al. The coach-athlete relationship in basketball. Analysis of the antecedentes, componentes and outcomes. **Revista de Psicología del Deporte**, v. 18, n. 3, p. 349-352, 2009.

SANTANA, F. L. **Validação de uma estrutura de análise ofensiva no basquetebol baseada no sequenciamento de Dinâmicas de Criação de Espaço**. 2016 (Mestrado em Educação Física e Esporte). Escola de Educação Física e Esporte, Universidade de São Paulo, São Paulo.

SANTANA, W. C. **Futsal**: apontamentos pedagógicos na iniciação e na especialização. São Paulo: Autores Associados, 2004.

SANTANA, W. C. **A visão estratégico-tática de técnicos campeões da Liga Nacional de Futsal**. Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física. Tese de Doutorado, 2008, 260 págs.

SANTOS, A. S. F. M.; MESQUITA, I. M. R. Percepção de treinadores sobre as competências profissionais em função da sua formação experiênciã. **Revista Brasileira Cineantropometria Humana**, v.12, n.4, p.276-281, 2010.

SAYÃO, L. F. Bases de dados: a metáfora da memória científica. **Ciência da Informação**, Brasília, v.25, n.3, p.314-318, 1996.

SCHEMPP, P.; McCULLICK, B.; SANNEN MASON, I. The development of expert coaching. In: JONES, R. (Org.). *The sports coach as an educator: re-conceptualizing sports coaching*. Oxon: Routledge, 2006.

SIMÕES, A. et al. Comportamento ideológico de liderança de professores-técnicos líderes de equipes esportivas escolares - modalidade basquetebol. **Revista Brasileira de Cineantropometria & Desempenho Humano**, v. 9, n. 1, p. 76-83, 2007.

SOUSA NETO, M. F. O ofício, a oficina e a profissão: reflexões sobre o lugar social do professor. **Caderno Cedes**, Campinas/SP, v. 25, n. 66, p. 249-259, 2005.

SOUSA, R. H. S. **Estudo Descritivo da Defesa no Basquetebol em Equipas do Escalão Sênior Junior**, 2007.

STAREPRAVO, F. A., et al. O esporte universitário no Brasil: uma interpretação a partir da legislação esportiva. *Esporte e Sociedade*, n.14, v.5, 2010.

STOSZKOWSKI, J.; COLLINS, D. Sources, topics and use of knowledge by coaches. **Journal of Sports Sciences**, v.34, n.9, p.794-802, 2016.

TAN, C. W. K. et al. "How does TGfU work?": examining the relationship between learning design in TGfU and a nonlinear pedagogy. **Physical education and sport pedagogy**, v.17, n.4, p.331-348, 2012.

TARODO, J. et al. Opinión de los entrenadores sobre distribución de contenidos técnicos-tácticos y pedagógicos en distintas categorías de baloncesto de formación. **Cuadernos de Psicología del Deporte**, v. 11, n. 2, p. 51-61, 2011.

TAVARES, F. Bases teóricas da componente tática nos jogos desportivos coletivos. In: OLIVEIRA, J; TAVARES, F. (Ed.) **Estratégia e tática nos jogos desportivos coletivos**. Porto, Centro de Estudos dos Jogos Desportivos, 1996. p. 25-32.

THOMAS, J.R.; NELSON, J.K.; SILVERMAN, S.J. Métodos de pesquisa em atividade física. Artmed Editora, 2012.

TOROS, T.; SOYER, F. The effect of parental attitudes of basketball coaches on their leadership perception and life satisfaction. **The Anthropologist**, v. 20, n. 3, p. 707-713, 2015.

TRUDEL, P.; CULVER, D.; WERTHNER, P. Looking at coach development from the coach-learner's perspective: considerations for coach development administrators. In: POTRAC, P.; GILBERT, W.; DENISON, J. (Org). Routledge handbook of sports coaching. London: Routledge, p.375-387, 2013.

TRUDEL, P.; GILBERT, W. Coaching and coach education. *In*: KIRK, David; MACDONALD, Doune; O'SULLIVAN, Mary. Handbook of physical education. London: Sage, p. 516-539, 2006.

TRUDEL, P.; GILBERT, W. Coaching and coach education. *In*: KIRK, David.; TRUDEL, P.; GILBERT, W.; WERTHNER, P. Coach education effectiveness. *In*: LYLE, J.; CUSHION, C. (Orgs.). Sports coaching: professionalisation and practice. London: Elsevier, 2010. Cap. 9, p. 135-152.

TRUDEL, P.; CULVER, D.; WERTHNER, P. Looking at coach development from the coach-learner's perspective: considerations for coach development administrators. *In*: POTRAC, P.; GILBERT, W.; DENISON, J. (Orgs.). Routledge handbook of sports coaching. London: Routledge, 2013. p. 375-387.

TSAMOURTZIS, E.; PECHLIVANIS, P.; KARIPIDIS, A. Distance learning and attitudes of greek basketball coaches. **Revista de Psicología del Deporte**, v. 18, p. 421-424, 2009.

TURMAN, P. The influence of athlete sex, context, and performance on high school basketball coaches' use of regret messages during competition. **Communication Education**, v. 56, n. 3, p. 333-353, 2007.

VÁZQUEZ, F.; PEÑA, A. La preparacion física em el entrenamiento técnico-tactico del baloncesto. **Ciencias Holguín**, v. XV, n. 1, p. 1-10, 2009.

VIZCAÍNO, C. et al. Referees, coaches and experts' opinions on the utilisation of the rules in the teaching-learning process of mini-basketball. **Revista de Psicología del Deporte**, v. 22, n. 1, p. 289-292, 2013.

VOLPATO, G. L. Ciência: da filosofia à publicação. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2013.

VOLPATO, G.L. Método lógico para redação científica. Botucatu: Best Writing, 2011.

WERTHNER, P.; TRUDEL, P. A new theoretical perspective for understanding how coaches learn to coach. **The Sport Psychologist**, v.20, n.2, p.198-212, 2006.



WOOTTEN, M. Coaching basketball successfully. Champaign: Leisure Press;1992.

XIQUÉS, J. A. C. Equilíbrio defensivo - reflexões, estrutura e trabalho Disponível em http://bdbaloncesto.com/2005_pdf_docs/20050305_balance_defensivo_Joan.pdf. Acesso em 26 de fevereiro de 2019.

ZOLTOWSKY, A. P.; COSTA, A. B.; TEIXEIRA, M. A. P.; KOLLER, S. H. Qualidade metodológica das Revisões Sistemáticas em Periódicos de Psicologia Brasileiros. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Rio Grande do Sul, v.30, n.1, p.97-104, 2014.

ANEXO

APROVAÇÃO DO COMITÊ DE ÉTICA EM PESQUISA

	ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA E ESPORTE DE RIBEIRÃO PRETO									
PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP										
DADOS DA EMENDA										
Título da Pesquisa: O DISCURSO DE TREINADORES DE HANDEBOL DO ESTADO DE SÃO PAULO SOBRE O PROCESSO DE ENSINO-APRENDIZAGEM-TREINAMENTO EM DIFERENTES CATEGORIAS										
Pesquisador: Rafael Pombo Menezes										
Área Temática:										
Versão: 3										
CAAE: 39796814.8.0000.5659										
Instituição Proponente: UNIVERSIDADE DE SAO PAULO										
Patrocinador Principal: Financiamento Próprio										
DADOS DO PARECER										
Número do Parecer: 1.410.003										
Apresentação do Projeto:										
<p>O presente projeto versa sobre o processo de ensino-aprendizagem-treinamento (EAT) nas etapas de formação esportiva de handebol e os indicativos sobre a distribuição dos conteúdos ao longo desse processo. É um estudo exploratório, de abordagem qualitativa utilizando o Discurso do Sujeito Coletivo como referencial metodológico. Os participantes serão treinadores de handebol que falarão, por meio de entrevistas semiestruturadas. Será verificado o conteúdo do discurso dos treinadores de handebol de nível Regional, diante das suas expectativas em relação ao ensino dos conteúdos (defensivos e ofensivos) e os procedimentos pedagógicos adotados para melhorar a capacidade de seus jogadores de intervirem de forma inteligente em diferente cada etapa do processo de EAT.</p>										
Objetivo da Pesquisa:										
<p>Identificar a distribuição dos conteúdos (ofensivos e defensivos) ao longo do processo de EAT e os procedimentos pedagógicos adotados pelos treinadores de nível Regional.</p>										
Avaliação dos Riscos e Benefícios:										
<p>*Esta pesquisa apresenta como risco acessar sentimentos do sujeito durante a entrevista, podendo</p>										
<table border="0"> <tr> <td>Endereço: Avenida Bandeirantes, 3600</td> <td>CEP: 14.040-907</td> </tr> <tr> <td>Bairro: VILA MONTE ALEGRE</td> <td></td> </tr> <tr> <td>UF: SP</td> <td>Município: RIBEIRAO PRETO</td> </tr> <tr> <td>Telefone: (16)3315-0494</td> <td>E-mail: cep00@usp.br</td> </tr> </table>			Endereço: Avenida Bandeirantes, 3600	CEP: 14.040-907	Bairro: VILA MONTE ALEGRE		UF: SP	Município: RIBEIRAO PRETO	Telefone: (16)3315-0494	E-mail: cep00@usp.br
Endereço: Avenida Bandeirantes, 3600	CEP: 14.040-907									
Bairro: VILA MONTE ALEGRE										
UF: SP	Município: RIBEIRAO PRETO									
Telefone: (16)3315-0494	E-mail: cep00@usp.br									
Página 01 de 03										